

Os segredos do ~  
**Casarão**



Romance espírita de

**Elizabeth Artmann**

*pele*

OS SEGREDOS DO CASARÃO

Elizabeth Artmann

pele

Os segredos do  
**Casarão**

Romance espírita de  
**Elizabeth Artmann**



**Rua Atuaí, 383 - Vila Esperança/Penha**

**CEP 03646-000 - São Paulo - SP**

**Fone: (011) 6684-6000**

**Endereço para correspondência:**

**Caixa Postal 67545 - Ag. Almeida Lima**

**03102-970 - São Paulo - SP**

[www.petit.com.br](http://www.petit.com.br)

[petit@petit.com.br](mailto:petit@petit.com.br)

*Não encontrando os livros da Petit nas livrarias,  
solicite-os pelo reembolso postal.*

## **Os segredos do casarão**

Copyright by © Petit Editora e Distribuidora Ltda. 1999

1ª edição/impressão: maio de 1999 - 20.000 exemplares

Direção editorial:

**Flávio Machado**

Coordenação editorial:

**Sílvia Sampaio Ribeiro**

Capa (criação):

**Flávio Machado**

Diagramação:

**Marcio S. Barreto**

Revisão:

**Letícia Castello Branco Braun**

**Sheila Tonon Fabre**

Fotolito da capa:

**Diarte**

Impressão:

**Gráfica Melhoramentos**

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Artmann, Elizabeth

Os segredos do casarão / Elizabeth Artmann. –  
São Paulo : Petit, 1999.

**ISBN 85-7253-052-5**

1. Espiritismo 2. Romance brasileiro. I. Título.

99-1610

CDD-133.93

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Romances espíritas: Espiritismo 133.93

Direitos autorais reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização da editora. Ao reproduzir este ou qualquer livro pelo sistema de fotocopiadora ou outro meio, você estará prejudicando a editora, o autor e você mesmo. Existem outras alternativas, caso você não tenha recursos para adquirir a obra. Informe-se, é melhor do que assumir débitos.

**Impresso no Brasil, no outono de 1999.**

Os segredos do  
**Casarão**

Romance espírita de  
Elizabeth Artmann

**Os direitos autorais desta  
obra foram cedidos às instituições  
que amparam crianças carentes.**

*A todos aqueles que  
de uma forma ou de  
outra se preocupam com  
o bem-estar do seu  
próximo e procuram, na  
medida do possível,  
ajudá-lo.*

# Sumário



Na padaria .....	9
O casarão .....	16
O socorro .....	24
Recobrando energias .....	40
O passado .....	46
O problema de Tônico .....	62
No Centro Espírita .....	70
Novamente no passado .....	77
O tratamento .....	91
O encontro no casarão .....	98
E tudo acabou bem .....	111

# *Na Padaria*



Era um daqueles dias cujo calor estava insuportável, beirando os 40 graus. Mesmo à sombra era incômodo, o sol quente parecia derreter tudo. O vento soprava, porém também era quente e não refrescava nada. Mas cada um buscava a sua maneira de passar por aquele dia, pedindo por uma chuva abençoada para amenizar o calor.

Rose parecia não estar incomodada, pois continuava com seu passo arrastado, o corpo ligeiramente inclinado para a frente, como se carregasse um fardo às costas, apoiada em uma bengala improvisada, seguindo em direção à padaria. Fizesse sol, como naquele dia, ou debaixo de chuva, até mesmo no frio, todos os dias ela



fazia aquela caminhada dolorosa, parecia penitência.

Chegando à porta da padaria, era praticamente impossível não chamar a atenção das pessoas presentes. Todos a olhavam, cada um à sua maneira, uns com repulsa, outros com pena; havia também os indiferentes, mas ninguém chegava perto, uma força estranha os repelia.

Rose não era feia, também não era linda; tinha uma aparência comum, mas seu estado deplorável a transformava num monte de trapos sujos, repugnante, parecia não tomar banho havia muito tempo. Sua postura inclinada, apesar de ela não ser corcunda, deixava os presentes espantados. Tudo aquilo era incomum e ninguém tentaria dar uma explicação para a situação em que se encontrava a jovem. Sim, apesar da estranha aparência, era jovem ainda, talvez uns 26 anos. Ela apenas havia parado de se cuidar e com isso adquirido aquele desagradável aspecto.

Vivia sozinha em um casarão de esquina e não permitia a aproximação de ninguém. Qualquer tentativa de aproximação era repelida com grunhidos, resmungos, xingamentos e ameaças com sua bengala.

Margareth, moradora antiga da cidade, estava encostada no balcão, distraída, esperando sua vez de ser atendida, quando sentiu nas costas uma espécie de espetada, transmitindo um mal-estar horrível por toda a coluna, como se estivesse sendo perfurada por um estilete. Com sua sensibilidade e levada pelo instinto, olhou para trás e deu de cara com Rose e aquele seu

olhar de peixe morto, sem graça. Margareth levou um susto, saindo imediatamente para o lado, deixando passagem livre para a jovem encurvada, que se aproximou do balcão estendendo a mão com o dinheiro.

Joaquim, velho padeiro, também havia muito instalado na cidade, já estava acostumado com Rose e procurou atendê-la rapidamente, pois sua presença causava incômodo a todos que ali estavam. Depois de lhe entregar os pães e um litro de leite, deu-lhe o troco, despedindo-se, sem, no entanto, obter resposta.

Rose deu meia-volta e buscou a saída, poucos metros que pareciam não terminar, ignorando as pessoas que estavam à sua volta, como se estivesse isolada num mundo só dela. Todos, no entanto, a acompanhavam com o olhar; alguns chegaram até a porta para ver melhor. Ninguém se atreveu a fazer nenhum comentário. Valdomiro, o ajudante e aprendiz de padeiro, rapaz inteligente e observador, veio de lá de dentro e foi entendendo logo o que estava acontecendo, pois vira Rose já na rua, quase se arrastando, sob o olhar de todos.

– É esquisito mesmo – disse ele, logo atrás do patrão, Joaquim, que limpava o balcão com um pano que provavelmente não limpava nada de tão sujo que estava.

– Esquisito por quê? – Respondeu com uma pergunta o velho padeiro, sem olhar o rapaz.

– Lembro-me bem de quando ela chegou à cidade – disse Valdomiro.

Valdomiro juntou-se aos outros para acompanhá-la com o olhar. Ela já estava a uma certa distância.

– Lembro-me de quando ela chegou – continuou ele. – Andava normalmente, como qualquer pessoa; depois de algum tempo foi se encurvando, encurvando, até ficar assim. O que é esquisito mesmo é que algumas vezes eu a vi caminhando normalmente. Alguma coisa muito, muito estranha está atormentando essa moça. Eu não entendo como pôde chegar a uma situação tão deplorável, coitada.

Margareth, que ainda estava perto do balcão, não pôde deixar de ouvir o comentário e arriscou um palpite:

– Com certeza ela está envolvida com “coisas” que não são deste mundo. Não sabemos o que essa moça andou aprontando. Tudo o que é sobrenatural é muito complexo...

Valdomiro pensou em retrucar, mas se conteve, sentiu que talvez ela estivesse mesmo com razão. Intuitivamente Margareth estava certa: graças a sua sensibilidade ela conseguia captar no ar algumas coisas que pessoas comuns não conseguiam. Ele, pessoalmente, tinha a sensação de ter algo a ver com aquela moça, uma estranha atração por ela. Não sabia como, nem por quê, mas, como era praticamente impossível se aproximar dela, ficava a esperar por uma oportunidade. Quem sabe um dia ele poderia, de alguma forma, entendê-la e ajudá-la?

Enquanto isso, lá fora, Luiz Antonio, um rapaz que não era muito dado ao trabalho, filho

de um fazendeiro da região, pedia mais uma cerveja, sentado num banquinho à volta de uma mesinha, acompanhado de mais dois companheiros: Miguel, o sapateiro, e Anibal, dono da pequena gráfica da cidade. O berro de Luiz Antonio, já com um leve sintoma de embriaguez, fez o clima pesado da padaria mudar e todos voltaram aos seus afazeres e ao assunto do dia: o calor.

Rose, já livre dos olhares das pessoas da padaria, ia enfrentar outros olhares. Já próximo à sua casa, quando passava em frente à casa de Rosália, a fofoqueira da cidade, como era conhecida, foi inevitável ouvir o cumprimento, acompanhado como sempre de um ar de provocação.

– Boa tarde, dona Rose, não melhorou ainda de suas costas?

Rose não deu atenção, cruzou a rua e seguiu para casa. Naquele instante chegava a vizinha da direita de Rosália, Matilde, senhora discreta que não nutria grande simpatia, para não dizer nenhuma, pela sua vizinha fofoqueira, que não se incomodava nem perdia a oportunidade de atazanar a vida alheia, fosse de quem fosse, além de não se importar de forma alguma com as conseqüências.

– Viu, dona Matilde, quem passou neste instante por aqui?

– Não, não reparei – respondeu Matilde, sempre educada, não alongando mais a resposta para poder se desvencilhar daquela situação. Buscando assim o refúgio de seu lar, fugindo do calor e para não ficar ali por um assunto que poderia se prolongar e que não as levaria a nada.

– Aquela moça que mora sozinha no casarão da esquina. Tô achando que ela tá ficando cada vez mais louca. Acho até que a gente devia fazer alguma coisa.

– Acredito que deva ser feita alguma coisa, mas não serei eu nem a senhora que iremos fazer. Com licença, pois tenho deveres a cumprir. Passe bem, dona Rosália – respondeu Matilde, entrando em casa.

– Dona uma pinóia. Senhorita, ouviu? Senhora-ri-ta. – Rosália fez questão de soletrar seu estado civil, como se isso fosse alguma vantagem. Na verdade, por trás desse aparente orgulho havia arrependimento, pois ela se sentia muito só. Quando ainda era jovem, chegou a ter alguns namorados, mas eles acabaram não suportando suas grosserias.

Porém, já não havia como responder, pois Matilde já tinha entrado, sem se preocupar com os arroubos de sua vizinha inconseqüente, cuja fisionomia demonstrava que já não era mais nenhuma jovem, apesar de ela não querer assumir, e que o título de senhorita já não lhe caía bem. A vida que levava até aquele momento não trouxera grandes conquistas no campo sentimental. Com aquela forma de se relacionar com os semelhantes e a fama que adquiriu, poucos amigos haviam ficado e, provavelmente, estes não eram sinceros. Os frutos dependem de uma boa plantação, quem quer colher bons frutos tem de começar a plantar boas sementes desde cedo. Se bem que nunca é tarde para começar. Uma

boa reforma íntima ajuda muito em qualquer época de nossa vida.

O futuro certamente cobra a plantação; cabe a cada um colher o que plantou.

# O Casarão



Após atravessar a rua, Rose continuou a difícil caminhada em direção à sua casa. Sentia um incômodo terrível, não só pelo calor, mas principalmente pelo fardo que tinha de carregar nas costas. Ela não conseguia entender por que aquela tristeza não ia embora, seu coração vivia constantemente apertado, uma depressão estranha que não sabia entender, mesmo em companhia dos seus “parentes”. Está certo que carregar aquele marmanjão nas costas era terrivelmente cansativo, mas ela estava convicta de que era o que tinha de fazer. Não sabia bem por quê, mas tinha que carregar o Gerônimo nas costas na maioria das vezes em que saía de casa. Afinal,

ele não podia ficar preso dentro de casa o tempo todo e já que não tinha pernas para caminhar, ela tinha de fazer esse sacrifício pelo seu "primo".

Rose vinha de uma família rica, de grandes posses. Herdou uma grande fortuna e duas empresas depois que seus pais desencarnaram em um acidente e, como era filha única, resolveu mudar de ares, na tentativa de esquecer o terrível acontecimento.

"Senhor Venâncio", este era o nome do corretor, "por que não me mostrou logo este casarão? Teríamos poupado tempo, é bem o que estou procurando", falou Rose, toda entusiasmada com o achado.

Algo a atraía naquele casarão, não sabia explicar o que exatamente, e acabou comprando-o, fazendo planos de reformá-lo e ali ficar por algum tempo, talvez investir em algo na cidade ou na região. Mas, como a vida nos reserva grandes surpresas e, às vezes, terríveis segredos, no mesmo dia em que pôs os pés no casarão sua vida começou a mudar, e para pior.

A casa foi comprada junto com os móveis do final do século XIX, à época do Brasil-Colônia, e apesar de estar maltratada, com certeza havia sido muito bonita, pois havia sinais da beleza de outrora.

Enfurnada num quarto caindo aos pedaços, ela foi piorando. Sua vontade já não lhe pertencia; sem entender o que realmente estava acontecendo, ela foi se entregando cada vez mais àquele envolvimento mórbido, estranho, corrosivo, que ia minando suas forças. Tinha planos



de procurar um médico, mas quando “falava” no assunto, Josafá, um dos “primos”, virava uma fera. O coitado do Gerônimo não ligava; a única coisa que ele queria era ficar perto dela, pois se sentia bem ao seu lado. Joaninha, a “prima”, não permitia qualquer tentativa no sentido de Rose se embelezar, colocar roupas novas ou qualquer enfeite, tais como brincos, broches, etc. Para Rose ficar em paz com ela era só estar com aquele vestido preto, surrado, que já pedia outro havia muito tempo e que só era tirado do corpo para uma rápida lavada, que Joaninha permitia somente com a interferência de Gerônimo. Mas o que intrigava Rose era o fato de seus primos serem negros. Como eles podiam ser seus primos se ela era branca? E não conhecia parente negro na família. Outra coisa que a deixava confusa era não conseguir se lembrar de quando havia se encontrado com seus parentes. Na verdade, o tempo já não era mais contado, pois ela já não fazia idéia de quando havia começado aquela situação. Sua vida era comandada totalmente pelos primos.

A escada de entrada da casa era a pior parte da caminhada até a padaria. Cada degrau era um verdadeiro suplício. Sorte que não eram muitos, só cinco. A cada um que era vencido um suspiro soava, sem trazer, no entanto, qualquer alívio. Alívio mesmo Rose sentia quando se inclinava em frente ao altar erguido a mando dos primos e fazia o sinal-da-cruz, momento em que Gerônimo aproveitava para escorregar para o sofá e ela podia voltar à posição normal.

Mais aliviada, Rose foi para a cozinha, levando o pão e o leite e encontrando lá, sentado à mesa, a figura repugnante de Josafá, com seus enfeites pendurados no pescoço, pulseiras em forma de correntes, anéis exageradamente grandes a enfeitar mãos igualmente grandes. Usava uma camisa com estampas enormes, toda aberta, mostrando o tórax; calça preta agarrada, acompanhada de um par de botas, e na mão uma vareta que era usada para agredir qualquer oponente. Seu rosto não era realmente algo a ser apreciado, parecia mais um homem das cavernas, com o nariz e o queixo ligeiramente avançados, e o crânio, de dimensões reduzidas, davam uma má impressão. Seu olhar era diferente, penetrante, provocava calafrios em quem o mirasse. Rose o evitava, mantendo a cabeça baixa.

Josafá estava nervoso, as saídas de Rose estavam ficando cada vez mais longas e sua paciência já estava se esgotando. Principalmente quando notou que ela não havia trazido o que ele esperava. Soltou toda a sua ira, golpeando-a com sua vareta e berrando como um louco.

– Não me bata mais, Josafá – implorava Rose, acuada em um canto da cozinha. – Está muito calor e as pessoas ficam me olhando o tempo todo; e, depois, o Gerônimo é muito pesado. Eu vou buscar a sua carne, tenha paciência, só mais um pouquinho.

– ...

– Está bem, mas fale você com ele; se eu falar, ele vai querer ir de qualquer forma, aí eu

demoro porque ele pesa muito – se desculpava Rose.

– ...

– É melhor, assim você mesmo escolhe a carne de que mais gosta – disse Rose.

Se houvesse alguém presenciando a cena, teria a certeza de que Rose estava louca, mas, na verdade, Josafá dialogava com ela, inclusive agredindo-a fisicamente<sup>1</sup>.

Estavam saindo quando Gerônimo gritou lá de dentro que queria ir também. Bastou um olhar de Josafá para que ele mudasse de idéia. Josafá impunha respeito aos três, sua vontade era sempre obedecida, não havia como retrucar. Seu “poder” amedrontava a todos.

Já na rua, Rose andava normalmente desta vez, mas sempre cabisbaixa. Inconscientemente ela sentia vergonha de andar junto com aquela figura aterradora, mas como desobedecer Josafá? Ele, por sua vez, ia ao seu lado, todo garboso, e fazia questão de cumprimentar todos que passavam por eles. É lógico que nunca recebia resposta. Mas ele não ligava, até se divertia. Alguns metros à frente, Josafá avistou um senhor diferente e, em vez de cumprimentá-lo, passou para o outro lado de Rose, quase num salto. Ela notou e perguntou o que havia acontecido.

– ...

Rose espantou-se com a resposta dele:

– Como? Você é tão valente, como pode temer aquele homem tão franzino?

---

1 - Nos casos mais graves de obsessão, o obsediado pode se sentir agredido fisicamente pelo seu obsessor e ter dores, escoriações e outros efeitos diversos (veja *O Livro dos Médiuns*, capítulo 23).

- ...

- Energia o quê? Agora você está fugindo de energias cósmicas. Nem sei o que é isso.

- ...

- Saiba você que já estudei muito, mas nunca ouvi falar de alguém que possa emanar energias como você está falando. Estou achando que você está amolecendo.

Por que Rose foi dizer aquilo? Josafá deu-lhe uma varetada, fazendo com que ela cambaleasse, precisando apoiar-se no muro para não cair. Ficou ali por alguns segundos a fim de recobrar as forças.

- ...

- Desculpe, falei sem querer – disse Rose, enxugando uma lágrima que corria pela sua face.

A pouca distância, o senhor que provocara o ocorrido parou e ficou observando a jovem. Viu-a cambalear, apoiando-se no muro. Quis ir até lá para socorrê-la, mas conteve-se ao observar que ela já se recuperava.

Adalberto, este era seu nome, era grande conhecedor do mundo espiritual, era médium e dirigente de um Centro Espírita da cidade. Além de dirigir o Centro, tinha um amplo trabalho de assistência social, auxiliando famílias necessitadas. Ele conseguia, graças a sua vidência<sup>2</sup>, a visão do espírito, ver o que as pessoas comuns não conseguiam, e o que ele estava vendo naquele instante o deixava profundamente triste. Aquela figura grotesca que acompanhava a jovem era

---

2 - Vidência: faculdade mediúnica que permite aos médiuns ver os espíritos e o ambiente espiritual em que eles se encontram (veja *O Livro dos Médiuns*, capítulo 14).

mesmo de arrepiar. No momento, infelizmente, ele não podia fazer nada, a não ser orar por aquela jovem e seu subjugador, pedindo o auxílio de espíritos elevados.

Rose e Josafá chegaram ao açougue. Ele foi direto para a vitrine ver a carne mais saborosa. Rose, num canto, ficou só observando seu companheiro, que parecia um lobo esfomeado diante de sua presa<sup>3</sup>.

– ...

– Tem certeza de que você quer tudo isso? – Rose perguntou timidamente, não querendo provocar nova discussão. – A carne pode estragar.

– ...

– Está bem, está bem.

Do outro lado do balcão, o açougueiro, meio espantado, ficava só observando a moça falar com sua própria sombra. Já conhecia sua fama, por isso não se arriscava a aproximar-se, preferindo manter uma certa distância. A moça era conhecida como a louca do casarão. Rose, alienada de tudo, não fazia idéia de que era a pessoa mais falada da cidade; a “cegueira” havia tomado conta dela.

– Ei, moço, pese para mim cinco quilos desta carne – Rose apontou para o pedaço desejado.

– Cinco quilos? Não é muito?

---

3 - Há espíritos que, devido a sua falta de conhecimento do mundo espiritual, ficam por muito tempo ligados a prazeres e hábitos terrenos, como vícios, fome, sede, etc. Josafá sentia falta de carne e necessitava de seus fluidos, aspirando-os para se satisfazer, já que não podia digeri-la. Esse fenômeno chama-se vampirismo (veja os capítulos 4 e 11 do livro *Missionários da luz*, de André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, editora FEB.)

Josafá, respondeu por ela, já irritado, usando as cordas vocais da jovem<sup>4</sup>:

– E daí, seu idiota! Você não está aqui para vender carne?

O açougueiro olhou assustado para a moça. Tratou de pesar logo a carne e pensou: “Quem manda retrucar a uma louca! Assim aprende”.

Rose saiu com o pacote, e o açougueiro suspirou aliviado. “Coisa mais esquisita, a moça falou num tom tão brutal que me arrepiou e arrepiaria qualquer um” – pensou o rapaz, não conseguindo controlar a tremedeira.

---

4 - Quando Josafá usou as cordas vocais de Rose, ele estava, na verdade, incorporado nela. A simbiose de tanto tempo tornou fácil para ele se manifestar dessa forma. A incorporação é utilizada nos Centros Espíritas para proporcionar aos espíritos uma comunicação com o mundo material e dessa forma possibilitar aos médiuns conversar com eles, doutrinando-os ou fazendo com que eles compreendam que já não estão mais no corpo físico, ou seja, que já desencarnaram. É a bondade de Deus, que faz tudo pelos seus filhos.

---

# O Socorro



Mais uma semana se passou.

Valdomiro, substituindo um companheiro, ajudava no balcão, atendendo a clientela. Seus pensamentos já o incomodavam, fazia quase três dias que Rose não aparecia, alguma coisa tinha acontecido. Ele sentia que precisava fazer alguma coisa, mas logo aquele dia. Tônico, um dos seus companheiros na padaria, não viera trabalhar. Provavelmente seu Joaquim não o deixaria sair. Por outro lado, ele era o melhor funcionário, nunca faltara, nunca dava nenhum problema. Esse era um bom argumento. Além disso, só daria para saber se sim ou não se perguntasse. E lá foi ele encarar o patrão.

– Seu Joaquim, sei que não é um bom dia, mas eu preciso dar uma saída para resolver um problema particular.

– É, não é um bom dia mesmo. Estou achando que vou mandar o Tônico embora! – Falou o homem, irado.

– Mandar o Tônico embora? – Espantou-se Valdomiro. – Logo agora que ele está com tantos problemas em casa? Acho que o senhor deveria ter um pouco de paciência, afinal, ele também é um bom funcionário, e o senhor sabe, bons funcionários hoje em dia são uma raridade.

– Está certo, mas saiba que minha paciência tem limites. Quanto a você, que problema é esse que não pode esperar até amanhã?

– É um problema particular e não posso deixar para amanhã de jeito nenhum. Se o senhor quiser, pode descontar do meu salário ou eu pago em horas extras.

Valdomiro não queria falar a razão, pois tinha certeza de que seria motivo de gozação.

– Desculpe, seu Joaquim, eu não me lembro de alguma vez ter pedido para sair mais cedo, e já faz bastante tempo que trabalho aqui com o senhor, não é?

– Está certo, pode ir, depois a gente resolve como você vai pagar essas horas.

– Obrigado, seu Joaquim.

Valdomiro saiu correndo em direção ao mercadinho que ficava nas proximidades da padaria, onde trabalhava uma amiga. Era um local em que Rose ia constantemente e lá obteria a primeira confirmação de suas suspeitas.



Chegando lá, procurou por Margarida, sua amiga, e assim que a viu perguntou:

– Rose passou por aqui nestes últimos três dias, Margarida?

– Você não tem o hábito de cumprimentar primeiro? – Retrucou a moça, sem dar muita bola para o rapaz.

– Desculpe, é que... bem... Não dá para responder logo?

– Que eu saiba faz uns quatro dias que ela não aparece por aqui, e eu estou achando ótimo. Não gosto que ela venha, toda vez que vem deixa todo mundo nervoso. Teve um dia...

– Obrigado, Margarida – interrompeu Valdomiro –, tenho de ir, tchau.

E saiu correndo.

Margarida ficou olhando-o se afastar e resmungou consigo mesma:

– Acho que não tem educação mesmo.

A preocupação de Valdomiro começou a aumentar. O que fazer? Ir até o casarão sozinho ele não iria. Ah! Grande idéia. Adalberto era a pessoa mais indicada, afinal, era inteligente e tinha muito conhecimento das coisas, principalmente as sobrenaturais. Porém, não sabia onde ele morava, precisaria ir primeiro no Centro Espírita. Adalberto já o havia convidado a frequentar o Centro, mas ele se considerava muito jovem para isso. No futuro, quem sabe, iria ver como é esse “negócio”.

Chegando ao Centro, apertou a campainha e esperou. O portão se abriu e apareceu uma mulher mirradinha.

– Pois não – disse ela.  
– Seu Adalberto está?  
– Não, ele só vem à noite para dirigir os trabalhos.

– A senhora pode me dar o endereço dele?

– Não sei – respondeu a mulher, meio desconfiada –, por que você não vem à noite? Aí você fala com ele.

– À noite não, é assunto urgente, acho até que é caso de vida ou morte!

A mulher pensou um pouquinho e disse:

– Posso telefonar para a casa dele e perguntar se ele me autoriza a dar o endereço.

– Por favor, faça isso rápido.

A mulher fechou o portão e deixou o rapaz do lado de fora andando impacientemente de um lado para outro. Alguns minutos depois, o portão se abriu novamente e a mulher perguntou:

– Seu Adalberto quer saber quem é.

– Fala que é o Valdomiro, o da padaria, ele me conhece bem, somos amigos.

– Ele o conhece bem, vocês são amigos e você nem sabe onde ele mora?

– Por favor, moça, é urgente.

Mais uma vez o portão se fechou e Valdomiro ficou mais nervoso. Minutos depois, mais longos que os anteriores, pois a mulher precisou procurar papel e caneta para anotar o endereço, o portão se abriu:

– Aqui está – disse ela.

Valdomiro olhou o papel e com certa dificuldade leu o que estava escrito.

– É lá perto da caixa d'água velha, não é?

A mulher balançou a cabeça afirmativamente, demonstrando já estar aborrecida com o vai-vém a que o rapaz a obrigou.

– Obrigado, desculpe o incômodo. O que a senhora faz aqui no Centro? – Quis saber Valdomiro, curioso.

– Sou faxineira, posso ir trabalhar agora?

– Desculpe!

A mulher fechou o portão e ele seguiu em direção ao endereço. Adalberto já o esperava na varanda com sua tranqüilidade de sempre.

– Que negócio é esse de vida ou morte? – Quis saber. – Quem está morrendo, afinal?

– Desculpe incomodá-lo, seu Adalberto – disse Valdomiro. – Provavelmente o senhor vai rir de mim, mas estou bastante preocupado.

– Só tem um jeito de saber, não é?

– Bem, é a Rose, a moça do casarão, o senhor sabe quem é, não sabe?

– Sim, o que tem ela?

– Hoje é o terceiro dia que ela não aparece na padaria e o quarto, no mercadinho. Como ela vive sozinha naquele casarão, é difícil saber o que está acontecendo, a não ser que alguém entre lá para ver se está tudo bem.

– E este alguém é você? – Perguntou Adalberto.

– Mais ou menos. Eu não tenho coragem de entrar sozinho, por isso pensei no senhor, já que entende desses assuntos.

– Que assuntos você quer dizer?

– Bem... Acredito que tem algo a ver com espíritos, como aquilo sobre o que já conversamos.

Adalberto ficou pensando por alguns instantes, lembrando-se de que viu Rose pela última vez em companhia daquele espírito estranho, e virou-se para Valdomiro, dizendo:

– É, talvez você tenha razão, só que não podemos entrar lá assim, de qualquer maneira, vamos primeiro na delegacia, conversar com o delegado, para ele ir com a gente, assim fica “oficial” o socorro, não é?

– Bem pensado, o senhor é muito inteligente!

– Não é questão de inteligência, Valdomiro, é só fazer as coisas corretamente.

– Então, vamos?

– Vamos no meu carro, para ganharmos tempo – disse Adalberto, dirigindo-se para a garagem.

Chegando na delegacia, ele perguntou a um dos guardas pelo doutor Ronaldo, o delegado, que os recebeu em seu gabinete.

– Boa tarde, seu Adalberto, o que o traz à minha delegacia? Por acaso veio doutrinar os presos? – Deu uma risadinha meio marota.

Seu Adalberto não deu atenção ao gracejo do policial, limitando-se a entrar logo no assunto.

– O senhor com certeza deve ter ouvido falar daquela jovem que mora no casarão azul.

– Sim, estou sabendo, o senhor não quer se sentar? – Perguntou o delegado, apontando a cadeira em frente à mesa. – Ela não endoidou de vez, não é?

Deu outra risada, só que mais ruidosa. Adalberto não compartilhou com o sarcasmo do delegado, deixando-o um pouco acanhado.

– Não sabemos – disse Adalberto, sério. – Acontece que ela não sai de casa há três dias, daí concluímos que alguma coisa deve estar acontecendo e gostaríamos de ir até lá dar uma olhadinha. Para isso seria necessário que o senhor nos acompanhasse.

Valdomiro, ignorado pelo delegado, sentou-se em uma cadeira, mesmo sem ser convidado.

– Eu? O senhor está louco? Aquela casa é mal-assombrada, eu não vou lá de jeito nenhum – retrucou o delegado, agitando as mãos.

– Está bem, não é necessário que o senhor vá. Basta nos dar uma autorização para podermos entrar ou mandar um dos seus auxiliares nos acompanhar.

O delegado pensou um pouco: se ele não estava querendo ir, com certeza nenhum dos seus auxiliares iria querer; e depois não iria nem perguntar, para evitar qualquer vexame. Resolveu optar por uma autorização.

– Vou fazer uma autorização – disse o delegado, tirando uma folha de papel e uma caneta da gaveta.

Demorou alguns minutos para escrever o documento, porque parava alguns instantes para pensar antes de escrever cada linha.

Valdomiro pensava com seus botões, observando o delegado enquanto ele escrevia.

“Como pode um sujeito tonto como esse ser delegado?”

– Aqui está, com isto o senhor poderá entrar. Depois me conte o que aconteceu.

– Obrigado, delegado. Já vamos indo, pois o tempo é curto – disse Adalberto, levantando-se e estendendo a mão ao delegado, concluindo:

– Tem certeza de que não quer vir com a gente? Afinal, não é todo dia que temos oportunidade de presenciar fenômenos como esses, não é?

– Pode ser, só que prefiro cuidar de coisas mais palpáveis. Neste caso eu nomeio o senhor como meu auxiliar para assuntos sobrenaturais – deu mais uma risadinha.

Adalberto saiu com Valdomiro em direção ao casarão. Chegando lá, Valdomiro demonstrava não estar muito convencido de querer entrar, já achava até que havia feito bobagem em ter levantado a lebre. Adalberto, percebendo a sua relutância, pois o rapaz estava andando muito devagar, e já desconfiando do que estava acontecendo, chamou-lhe a atenção:

– Você não foi me procurar para depois tirar o corpo fora, não é?

– Não, imagina! – Falou, dando uma corri-dinha para alcançá-lo. Mas, na verdade, uma pequena tremedeira já estava tomando conta de suas pernas.

– Ah! Vá lá no porta-malas do carro e pegue um pé-de-cabra – pediu Adalberto.

Valdomiro trouxe a ferramenta, e Adalberto introduziu-a entre a porta e o batente do casarão, porém não foi necessário fazer força, pois a porta estava aberta. Foi a primeira surpresa. Ele

a empurrou devagarzinho. Valdomiro, às suas costas, esticava o pescoço para espiar lá dentro.

O que viram não era nada agradável: sujeira por todo canto, um cheiro terrível, indescritível. Adalberto foi entrando com bastante calma, parecia não dar atenção a tudo aquilo, apenas observava à sua volta. Valdomiro, por sua vez, não resistiu ao cheiro e teve ânsia de vômito.

– Está querendo sujar mais a casa, meu rapaz? – Perguntou Adalberto.

– Desculpe, quase não consegui resistir, o cheiro é ruim demais!

– Você precisa ter autocontrole. Nada disso deve influenciá-lo.

– Para o senhor é muito fácil, para mim, vou ter de me preparar muito.

– Já lhe falei várias vezes que você deve estudar, aposto que aquele livro que lhe dei está jogado em algum canto – disse Adalberto, sem parar de olhar tudo à sua volta.

O pior é que era verdade. Adalberto deu-lhe um livro, já havia algum tempo, sobre esse assunto, Espiritismo, mas o rapaz achava que não estava preparado ainda e o livro ficou esquecido na estante.

Atrás da poltrona, Adalberto distinguiu, pela sua vidência, um vulto e indentificou-o como um espírito. Não disse nada ao seu companheiro, porque se dissesse...

Era Gerônimo que observava tudo, tentando se esconder. Adalberto foi até a cozinha. Não viu nada a não ser muita sujeira: a pia estava lotada de panelas e pratos sujos. Na mesa, um

prato com um pedaço de carne muito malcozida, já em estado de putrefação, cheio de moscas. Ele voltou para a sala. Ia subir a escada que dava para os aposentos superiores quando viu embaixo dela uma porta semi-aberta e resolveu dar uma olhada. Lá estava Rose, estirada em uma pequena cama, no quarto que deveria ser de empregada, minúsculo. Entrou rapidamente e tomou seu braço para verificar se a moça apresentava pulsação. Ela respirava com dificuldade. Havia restos de comida pelo chão, levando-o a deduzir que ela havia trazido alimentos para o quarto. Adalberto sentiu uma presença estranha no ambiente, virou-se e viu atrás de um pequeno armário a figura assustadora de Josafá, tentando se esconder. Ao notar que tinha sido descoberto, saiu rapidamente do quarto pela porta. Por ser espírito, bastaria afastar-se um pouco que já estaria fora do campo de visão de Adalberto, mas, como se tratava de um espírito sem conhecimento, continuava utilizando a porta.

Adalberto chamou por Valdomiro, que ficara na porta da sala, esperando. Ele atendeu, meio receoso.

– Ajude-me a levá-la até o carro.

– Como ela está? – Perguntou, ansioso.

– Viva, mas precisa urgente de socorro, vamos levá-la para o pronto-socorro.

Quando eles estavam saindo, Adalberto “ouviu” Gerônimo gritar para Josafá, que estava na porta da cozinha:

“Você vai deixar levarem nossa Rosinha?”

Josafá não respondeu nada. Em seu lugar ouviu-se Joaninha, que estava na parte de cima:



“Deixem levar, quando ela melhorar nós a traremos de volta.”

– O que foi, seu Adalberto, o senhor parou de repente, por quê? – Perguntou Valdomiro, vendo que seu companheiro tinha parado e olhado de modo meio esquisito para dentro da casa.

– Nada, nada, vamos embora, rápido.

– Tem fantasmas lá dentro, não tem? – Perguntou o rapaz, assustado.

– Não existem fantasmas, existem espíritos. Aprenda, rapaz – disse Adalberto, já colocando a moça no banco de trás do carro.

Do outro lado da rua, Rosália já estava observando a movimentação. Quando os dois saíram com a moça, ela não resistiu e correu para ficar a par dos acontecimentos. Foi logo perguntando:

– O que está acontecendo?

– Nada de importante, dona, a moça só passou mal e nós viemos ajudá-la – respondeu Valdomiro.

– E como vocês ficaram sabendo que ela estava mal? – Perguntou Rosália.

– Não dá para explicar agora, dona – disse Adalberto. – Dê licença que estamos com pressa.

O carro saiu em disparada em direção ao pronto-socorro. Rosália ficou olhando o carro se afastar, sem ficar sabendo o que realmente tinha acontecido. Olhou para o casarão e teve um arrepio.

– Credo-em-cruz, que coisa esquisita! – Exclamou, tratando de sair logo dali.

Apesar de ela não ter visto nada, Josafá estava à porta abraçado com Joaninha.

\*

Chegando no pronto-socorro, Rose foi logo atendida. Fizeram-lhe os exames, deram-lhe os medicamentos receitados pelos médicos de plantão e providenciaram logo um quarto para ela ficar.

Quando a moça já estava acomodada, o médico veio informar Adalberto:

– Ela já está descansando e tomando soro. Está fora de perigo – disse ele –, mas muito fraca. Se tivessem demorado um pouco mais para socorrê-la, provavelmente não teria resistido.

– Graças a Deus! – Exclamou Adalberto. – Obrigado, doutor.

– Não tem de quê. Até logo. – O médico afastou-se para atender outra chamada.

Valdomiro deu um suspiro de alívio e caiu numa poltrona com um largo sorriso.

– Precisamos protegê-la daqueles espíritos. Vou chamar Fina para ficar com ela esta noite – disse Adalberto.

– Eu posso ficar! – Exclamou Valdomiro.

– Acredito que você possa protegê-la de encarnados, Valdomiro, mas para defendê-la de desencarnados precisamos de alguém experiente.

– Ela corre perigo ainda?

– Aqueles espíritos obsessores não irão ficar sossegados, eles tentarão levá-la de volta na primeira oportunidade, por isso devemos protegê-la de todas as maneiras.

– O senhor é quem sabe das coisas.

– E você já poderia estar sabendo de algumas coisas também, não é, “mocinho”?

Valdomiro concordou e ficou olhando seu amigo afastar-se em direção ao telefone público. Havia uma grande amizade entre eles e o rapaz admirava aquele senhor. Tão pequeno na estatura, mas tão grande em conhecimento. Depois disso ele iria correndo procurar aquele livro e iria estudar com bastante afinco essas coisas de espíritos. Precisava e devia isso ao seu amigo. Também já tinha bastante curiosidade sobre o assunto, pois percebera que, se tivesse mais entendimento sobre o Espiritismo, poderia ajudar mais.

– Pronto, daqui a pouco a Fina chegará aqui – informou Adalberto.

– Fina! Que nome esquisito, não é?

– O nome dela é Josefina, mas como ela é gordinha, as pessoas começaram a chamá-la de Fina e o apelido pegou. Como ela própria não se incomodou, acabou ficando conhecida como Fina.

– E ela irá proteger bem a Rose? – Quis saber Valdomiro.

– Não só ela, mas também os amigos espirituais que já estão aqui nos auxiliando.

– Aqui?!

– Se você já tivesse lido aquele livro, eu não teria de dar tantas explicações, não é?

– Desculpe seu Adalberto, prometo que vou ler rapidinho.

– Não quero que você leia “rapidinho”, recomendo que o estude parágrafo por parágrafo, medite sobre todas as questões e procure compreendê-las.

- O senhor é quem manda.
- Eu não mando nada, só recomendo.
- O senhor disse que já têm espíritos por aqui.

Dá para explicar um pouquinho sobre isso para mim, só adiantando um pouco do que vou ler no livro?

- A verdade é que estamos sempre envolvidos e acompanhados por espíritos em todos os instantes. Se você é uma pessoa que procura fazer o bem, tem bons pensamentos e se esforça para fazer as coisas corretamente, estará sempre acompanhado de um espírito bom, que pode ter sido um amigo ou um parente que se preocupa com o seu desenvolvimento espiritual. Este espírito é aquele popularmente conhecido como anjo da guarda. Ele fará tudo para auxiliá-lo, lhe transmitir bons pensamentos e incentivos no sentido de você se manter no caminho correto. Além disso, haverá sempre bons espíritos lhe inspirando bons pensamentos. Agora, se você é uma pessoa que não se preocupa com as coisas boas, tem pensamentos ruins e gosta desses pensamentos, aí então o espírito amigo irá se afastar, porque você não estará dando atenção para seus conselhos. A partir daí, espíritos de malfeitores irão se aproximar, e geralmente não vêm sozinhos, então sua vida virará um inferno, pois eles farão de tudo para você sucumbir. Eles não têm nenhum escrúpulo e não medirão esforços para prejudicá-lo. Irão sugar suas energias, irão incentivá-lo a fazer coisas ruins, prejudicando sua vida tanto material quanto espiritualmente. E isso ocorre por afinidade: se você é bom, se afi-

na com os bons, caso contrário, você atrairá os maus.

Valdomiro ouviu com muita atenção as explicações do amigo e ficou por alguns segundos em silêncio, até que exclamou:

– Impressionante, se não somos bons, estamos completamente à mercê de espíritos maldosos, sem proteção nenhuma!

– Raciocínio perfeito! Mas existe proteção, nossos amigos espirituais nunca se afastam definitivamente, estão sempre por perto para o momento em que você pedir socorro, estão sempre dispostos a auxiliar, desde que o pedido seja sincero. Para isso basta fazer uma prece, é nessa hora que a fé funciona com toda a sua força.

– Ainda bem. Mas a Rose não é má pessoa, por que os espíritos querem prejudicá-la?

– No caso da Rose pode ser diferente. Além de ela ficar invigilante, dando brecha a espíritos inferiores, pode ser também um caso de vingança vinda do passado. Hoje esses espíritos aproveitam sua fraqueza psíquica e se apoderam praticamente de sua vida. Talvez seja isso.

– Passado, quando era criança?

– Não, não, estamos falando de reencarnações. Alguma desavença séria que ela teve em outra encarnação e agora esses espíritos estão querendo vingança.

– Mas...

– Leia o livro, você vai entender tudo o que falei e muito mais. Agora preciso ir, já avisei as enfermeiras que Fina vai passar a noite com

Rose. Você deve ir para casa descansar, hoje foi um dia muito importante em sua vida.

Deu um tapinha nas costas de Valdomiro e foi embora.

“Bem que dona Margareth disse outro dia lá na padaria que tudo o que é sobrenatural é muito complexo. E como é!” – Pensou Valdomiro, indo embora também.

# *Recobrando Energias*



Na cidade, o assunto do momento era o salvamento da louca pelo rapaz da padaria. Adalberto, quando era procurado para falar sobre o assunto, sempre dizia que o responsável pela ação fora o ajudante de padeiro, por isso todos falavam no novo herói da cidade. Rosália já havia feito também o seu trabalho de “divulgação”.

Valdomiro continuou sua vidinha, só que agora era famoso e todos que iam à padaria queriam dar um “dedo” de prosa com ele, para saber mais detalhes do ocorrido, o que ele fazia com todo prazer, inclusive criando lances de suspense. Depois daquele dia, ele passou a ler o

livro que Adalberto havia lhe dado. Na verdade ele “devorou” o livro. Quando acabou, comprou mais três sobre o assunto.

Joaquim, comerciante esperto, tirou o rapaz do forno e colocou-o para trabalhar no balcão, esperando assim atrair maior clientela.

– Oi, seu Adalberto! – Falou Valdomiro, ao ver seu amigo entrar. – Como vai indo nossa amiga?

– Acho que você sabe melhor do que eu, não é? – Brincou.

– O senhor vai lá para o pronto-socorro?

– Vou. Você quer ir comigo?

– Deixe-me perguntar para o seu Joaquim se ele me autoriza a sair.

Valdomiro foi para o fundo da padaria e logo voltou sorridente, tirando o avental. Depois que ele ficou famoso, Joaquim passou a permitir as saídas dele sem questionar muito, esperando, com certeza, um retorno financeiro de tudo aquilo.

No caminho para o hospital, Valdomiro contou ao seu amigo que havia encontrado o delegado, e que ele havia perguntado sobre o casarão e como tinha sido o resgate. Ele então aproveitou para fazer uma brincadeira com o homem da lei, dizendo:

“Não foi fácil. Tinham uns 20 fantasmas lá dentro. Foi uma briga de lascar, mas como o seu Adalberto era melhor que todos eles juntos, pôs todos para correr. O senhor pode ir lá agora que não tem mais nenhum fantasma!”

– Você não pode usar a mentira em hipótese alguma. Nunca devemos tirar proveito de pessoas menos esclarecidas – bronqueou Adalberto.



– É, desculpe, mas aquele cara é um bobão, nem sei como uma pessoa como ele pode ser delegado – argumentou Valdomiro, meio sem jeito.

– Pode ser o que for, sempre temos a obrigação moral de respeitar o semelhante, pois somos todos irmãos. Nunca devemos rebaixar outras pessoas, afinal estamos todos no mesmo barco, o barco da evolução. E depois, o que você aprendeu no livro que lhe dei já dá para saber que não é possível lutar fisicamente com espíritos. Se foi essa a idéia que você quis passar para ele, você não ajudou a esclarecê-lo.

– Está certo, eu só quis fantasiar um pouquinho.

– Acho que fantasiou demais. Agora você terá de ir até a delegacia, pedir desculpas e contar a história como realmente aconteceu.

– Fala sério? É capaz de ele até me colocar na cadeia.

– Se ele fizer isso, toda a cidade irá tirar você de lá.

Os dois riram. Valdomiro prometeu consertar a história com o delegado. Chegaram ao pronto-socorro e foram direto para o quarto onde se encontrava Rose. Ela estava bem melhor, já sorrindo e falando coisas que faziam sentido.

– Meus salvadores! – Exclamou ela, ainda com certa dificuldade.

– Como está, garota? – Perguntou Adalberto.

– Estou me recuperando rápido. Eu não sei como vou pagar esse favor a vocês dois – disse Rose, olhando para eles.

– Por mim, fico contente só com a sua amizade – adiantou-se Valdomiro.

– E o senhor, seu Adalberto, como poderei lhe pagar?

– Bem, depois eu mando a conta para você, está certo? – Brincou ele.

Todos riram.

– Queria agradecer a Fina pela ajuda que me deu, mas ela não apareceu mais.

– Eu peço a ela para lhe fazer uma visita, vai ficar feliz de ver você tão bem.

Fez-se silêncio no quarto. Valdomiro foi quem falou:

– Rose, estou lendo alguns livros que seu Adalberto me recomendou e estou muito curioso para saber como tudo isso aconteceu com você.

– Vai ficar na curiosidade, porque nem eu sei. Quem pode explicar para nós é o nosso amigo aí – disse Rose apontando para Adalberto.

– No momento não posso falar nada, o que sei é muito pouco – esclareceu Adalberto. – Prometo que irei consultar meus mentores, se eles permitirem e disserem alguma coisa, conto para vocês, está bem?

– Cheio de mistérios o senhor, hem? – Brincou Valdomiro.

– Não são mistérios. No mundo espiritual não há nada misterioso, são os homens que criam essas coisas, tudo lá é muito simples, nós é que não temos capacidade para entender a simplicidade.

– É, mas o senhor vai ficar devendo uma resposta – cobrou Valdomiro.

– Como disse, se tiver alguma coisa para dizer, direi.

– Voltando ao assunto de pagar a conta, seu Adalberto, faço questão de reembolsá-lo de tudo que o senhor gastou comigo – disse Rose.

– Na hora certa a gente resolverá esse assunto, primeiro quero ver você restabelecida e pronta para voltar à vida.

Continuaram conversando, até que Valdomiro percebeu que já havia passado muito tempo.

– Caramba, seu Joaquim vai me dar a maior bronca! – E saiu apressado, despedindo-se dos amigos.

Adalberto também saiu logo depois, despedindo-se da jovem e prometendo voltar logo, pois os médicos haviam comentado a possibilidade de Rose ter alta no dia seguinte e seria necessário achar um lugar para ela ficar. No casarão, nem pensar.

Naquela noite, como acontecia sempre, Adalberto desdobrou-se<sup>5</sup>, ou seja, deixou seu corpo físico e viajou em espírito para o mundo espiritual, acompanhado do seu amigo e mentor espiritual Geraldo. Estavam reservadas grandes revelações ao médium sobre a vida passada da jovem Rose. Era necessário tomar conhecimento disso, para auxiliá-la no que vinha pela frente.

---

5 - Desdobramento: processo em que o espírito do encarnado se projeta para fora do corpo físico. É muito comum durante o sono, quando o espírito vai em busca dos seus afins, bons ou maus (veja *O Livro dos Espíritos*, capítulo 8).

---

Em uma colônia espiritual, lugar já bem conhecido de Adalberto, ele foi encaminhado a uma grande sala. Ali conheceria finalmente o passado de Rose...

# O Passado



O ano era 1840, o Brasil dos cafeicultores, poderosos fazendeiros que faziam e desfaziam, em uma época em que a vida de uma pessoa não tinha valor nenhum, principalmente se fosse negra e, pior ainda, se, além de negra, fosse idosa ou doente.

No interior de Minas Gerais, na fazenda Três Marias, a expectativa para a chegada de uma leva de escravos vinda diretamente da África era grande. O trabalho havia aumentado muito e estava difícil conseguir novos escravos. A saída era negociar diretamente com os navios negreiros.

A jovem Rose<sup>6</sup> tinha, nessa época, apenas 15 anos. Era quem fazia mais festa. Seu pai, Dom

---

6 - Utilizamos os mesmos nomes para melhor identificar os personagens.

Alcântara, havia prometido uma escrava só para ela. Estava ansiosa para começar a dar ordens. Sua irmã, Marina, já tinha uma escrava, que foi seu presente de 15 anos.

Rose fazia seus planos. Não iria permitir nenhuma desobediência, como fazia Marina.

“Ela é uma tola – pensava Rose. – A escrava dela é muito relaxada”.

O pai não queria saber o que estava acontecendo, só se preocupava com o bem-estar da moça. Rose, por sua vez, planejava ser muito exigente com sua escrava.

O sol já cruzava o meio do céu quando alguém tocou o sino do portão principal, avisando da chegada da caravana que apontava no horizonte. Todos se agitaram. Rose largou imediatamente o bordado que estava fazendo e correu para a varanda.

– Finalmente, estão chegando. Há tantas coisas para a “minha” escrava fazer – falou Rose, olhando para Marina, que estava logo atrás.

– Acho que você deveria deixá-la descansar pelo menos essa noite – disse Marina. – Não se esqueça de que ela está aqui obrigada, que foi tirada do seu lar à força, só para lhe servir.

– Ah! Não me aborreça! – Respondeu Rose, descendo a escada e dirigindo-se para o grande portão, a fim de se encontrar com a caravana.

Marina ficou olhando sua irmã se afastar. Não entendia sua arrogância. Tão jovem e tão cheia de prepotência. Já sentia pena da nova escrava, mesmo antes de conhecê-la. A pobre

não sabia o que a esperava. Marina não entendia nem o porquê de escravizar os negros. No seu íntimo achava muito errado, por isso sua escrava era tratada de forma diferente, como amiga. Isso irritava muito seu pai, que dizia ter perdido dinheiro pago pela negra, já que a filha a tratava como alguém da família.

O grande portão se abriu, dando passagem à fileira de negros, uns amarrados nos outros, tendo à frente Gerônimo, feitor da fazenda que, montado num cavalo junto com mais alguns empregados, fazia a guarda da fileira.

Rose esticava o pescoço à procura da escrava que se tornaria sua serviçal, mas não simpaticizou com nenhuma. Ficou emburrada e voltou correndo para casa.

Mais tarde, quando seu pai chegou, ela foi imediatamente ao seu encontro.

– Papai, o senhor viu as negras que chegaram? São horríveis!

– Agora não, filha, depois conversaremos sobre isso – respondeu o fazendeiro, dirigindo-se ao escritório da fazenda acompanhado de perto por Gerônimo.

– Mas, pai... – Rose tentou argumentar.

O velho fazendeiro voltou-se para a filha, de punhos cerrados e com o semblante irado. Como já havia passado na senzala e visto a “mercadoria” recebida, estava com os nervos à flor da pele. Quando ela deparou com aquele olhar de ódio, deu meia-volta numa disparada e subiu a escada que dava para a parte superior da casa, onde

ficavam os quartos. O fazendeiro entrou no escritório, jogou-se na sua cadeira e foi berrando:

– Pode falar!

– Desculpe, Dom Alcântara – Gerônimo falou, torcendo o chapéu entre as mãos e com a cabeça baixa, sem coragem de encarar o patrão –, mas a culpa não foi minha. Quando chegamos ao Rio de Janeiro, o safado do capitão do navio já havia vendido os melhores negros para um fazendeiro de São Paulo, e restaram esses que trouxe comigo.

– O que vamos fazer com esses negros, Gerônimo? Vamos fazer churrasco com eles? – Bradou o fazendeiro, esmurrando a mesa. – E o dinheiro que você levou para trazer bons escravos?

– Como ele tinha vendido quase todos por uma quantia maior do que a que o senhor havia oferecido, ele cobrou barato pelos que eu trouxe. O resto do dinheiro está aqui, senhor.

– É nisso que dá trabalhar com incompetentes – resmungou o fazendeiro.

– Como? O que disse, senhor? – Gerônimo não entendeu.

– Nada, nada. Vá cuidar da sua vida, depois vamos ver o que dá para aproveitar do que você trouxe.

– Com licença – Gerônimo saiu.

Dom Alcântara ficou por alguns minutos pensativo, olhando pela janela. A culpa era toda dele mesmo. Se tivesse liberado o feitor uns dias antes, talvez aquilo não tivesse acontecido. “Maldito fazendeiro paulista, se tivesse idéia do prejuízo que me causou...” – Remoía ele. Agora só



teria outra oportunidade de adquirir novos escravos dali a três meses. Lamentava, mas não adiantava chorar sobre o leite derramado, o importante era tirar o máximo proveito do que havia recebido. Levantou-se e foi para a senzala examinar melhor a “mercadoria”. Gerônimo foi acompanhá-lo assim que o viu aproximar-se.

Depois de olhar com bastante atenção os negros recém-chegados, disse ao feitor:

– Leve aquela negra para ajudar na cozinha – apontou para uma outra que estava num canto.  
– Aquela magrela. Leve-a para a casa-grande, será o presente de Rose. Aqueles dois negros, você põe para trabalhar na roça, os outros vão para o cafezal. Tenho a impressão de que você veio catando os escravos pelo caminho e nem foi ao Rio de Janeiro – falou Dom Alcântara, irônico.

Gerônimo não gostou do que o patrão disse, mas não falou nada porque alguns dos negros ele realmente havia comprado durante a viagem, só para não chegar de mão abanando.

No final da tarde, já quase noitinha, Dom Alcântara reuniu a família para presenciar a entrega do presente à Rose.

– Rose – disse o fazendeiro, dirigindo-se à filha –, queria dar o presente que você pediu, mas os negócios não saíram como eu esperava. Fique com essa negrinha mesmo, depois eu dou outro presente para você.

– Está bem, papai – respondeu Rose, não muito contente.

– Vamos jantar, pois, como diz o dito popular, “saco vazio não pára em pé” – disse ele, satisfeito com a aceitação da filha.

Passaram-se alguns dias. Rose não se acostumava com sua escrava, que não conseguia aprender a nova língua. Como não tinha paciência, já havia mandado chicoteá-la no tronco três vezes, só porque ela não entendia suas ordens.

No oitavo dia em que a escrava estava na casa-grande, deixou cair comida no quarto. Como não conseguiam se entender, foi mandada mais uma vez para o tronco. Dessa vez a ordem foi extrema: ficar no tronco três dias sem comer.

Como o pai não interferia nas decisões de sua filha, o castigo foi cumprido. No terceiro dia, bem cedo, Rose foi acordada por alguém que a chamava pela janela do quarto. Era Gerônimo, preocupado, olhando para os lados como se estivesse com medo de alguém vê-lo ali.

– O que foi, Gerônimo? – Perguntou Rose.

– Por favor, venha até aqui, sinhazinha Rose, preciso contar-lhe algo urgente.

– Não pode deixar para mais tarde?

– Não. É melhor que a sinhazinha saiba logo.

– Está bem. Aguarde um minuto.

Rose se arrumou apressadamente, desceu com cuidado para não acordar os outros e não ser vista pelos escravos que já estavam na cozinha preparando o café, e encontrou o feitor no lado de fora.

– Fale logo, Gerônimo – falou, já irritada.

– Sinhazinha Rose, a negrinha que a senhora mandou para o tronco está morta.

Rose empalideceu por alguns instantes. Mas logo recobrou o domínio de si e ficou a pensar um pouco. Seu rosto iluminou-se com uma idéia e sorriu para Gerônimo.

– Vá à cozinha, pegue uma das facas e enfie nela. Quando papai perguntar quem foi que esfaqueou a moça, diga que foi o Josafá. Não posso deixar que descubram que eu fui a culpada.

Gerônimo não gostou da idéia, primeiro porque Josafá gostava da moça e já tinham planejado ficar juntos; segundo, o patrão não iria acreditar naquela história.

– Sinhazinha Rose, seu pai não vai acreditar.

– Eu sustento o que você disser, digo até que vi o vulto de Josafá se aproximar do tronco e esfaquear a negrinha.

– Não sei... – Retrucou Gerônimo, meio desconfiado.

– Faça isso. Eu dou para você aquele anel com diamante. Você pode ganhar um bom dinheiro com ele. O que acha?

Assim melhorou. Gerônimo ficou animado com a idéia. Correu para a cozinha e, disfarçadamente, pegou uma faca; em seguida, foi em direção ao tronco para executar o plano.

Quando o sol já estava completamente exposto no horizonte, banhando o vale onde se situava a fazenda com aquele alaranjado majestoso que só a natureza é capaz de produzir, ouviu-se um grito angustiado de mulher vindo do terreiro. Foi uma correria, todos querendo saber o que estava acontecendo.

Viram então a moça presa ao tronco, com uma enorme faca cravada até o cabo em seu peito. Na sua frente, uma escrava com as mãos cobrindo a boca e olhar assustado. Os demais negros se chegaram, fazendo um roda em volta do tronco. Gerônimo chegou abrindo caminho. Aproximou-se do corpo inerte, fazendo de conta que nada sabia. Em seguida chegou o patrão, Dom Alcântara.

– Quem fez isso? – Perguntou o fazendeiro.

Gerônimo afastou-se devagarinho e olhou em volta. Não viu Josafá e disse:

– Foi Josafá, patrão.

– Por que ele faria isso? Ele tinha algum motivo?

– Eu também não sei, patrão – disse Gerônimo –, mas o vi rondando, de madrugada, o tronco.

– Está bem, retire esse corpo daí rapidamente, antes que minha filha veja, depois procure pelo criminoso. Não o deixe escapar.

Não foi difícil encontrar Josafá. Estava caído atrás de uma moita, com uma garrafa na mão, completamente vazia. Havia acordado cedo para levar escondido água e um pouco de comida para a moça que estava no tronco e a encontrou morta. Ficou transtornado, voltou para a senzala, pegou uma garrafa de aguardente que havia escondido e foi para a mata. A perda de sua amada foi para ele um golpe duro.

Foi levado e amarrado no tronco, o mesmo de onde a escrava acabara de ser retirada.

Ninguém acreditou na história contada por Gerônimo, acusando Josafá, mas nada podiam fazer.

Não adiantaria tentar arrancar uma confissão do escravo naquele momento, pois estava completamente alcoolizado. Teriam de esperar passar a embriaguez. Foi um dia de tristeza na fazenda Três Marias.

Mais tarde, curado da bebedeira, Josafá iria enfrentar a fúria do patrão.

Dom Alcântara, depois de tomar as providências para o andamento das tarefas na fazenda, chamou Gerônimo, mandou-o pegar um chicote e foram em direção ao tronco. Lá chegando, foi logo perguntando:

- Por que você matou a "negrinha"?
- Não fui eu, patrão.

Com um sinal, Dom Alcântara mandou Gerônimo chicotear o escravo indefeso.

Depois de algumas chicotadas, o fazendeiro mandou interromper e voltou a perguntar:

- Por que você matou a "negrinha"?
- Não fui eu, patrão... - Respondeu Josafá, já com dificuldade.

Novo sinal e novas chicotadas foram dadas, intensificando ainda mais os ferimentos.

- E então, negro fedorento, eu não tenho o dia todo para ficar aqui esperando a sua vontade.

- Pelo amor de Deus, patrão, não fui eu... - Gemia Josafá.

- Dê mais algumas chicotadas e deixe-o aí, depois perguntaremos novamente. Este sol está muito quente! Vou descansar um pouco - disse o fazendeiro, dirigindo-se para a casa-grande.

Marina, da janela do seu quarto, observava tudo e não conseguia conter as lágrimas. Quando iria acabar tanta injustiça?, perguntava-se ela.

Rose, por sua vez, não dava a mínima importância aos fatos. Pelo menos a culpa da morte da escrava não recairia sobre ela, pensava. Logo o negro seria solto e tudo voltaria ao normal. Foi para a varanda, sentou-se no banco de balanço e ficou observando ao longe o tronco em que o escravo continuava amarrado. Nisso, aproximou-se Gerônimo, meio desconfiado.

– Sinhazinha Rose, desculpe incomodá-la, mas... a senhora poderia me dar o anel que me prometeu?

Rose fez que não entendeu.

– Anel? Que anel? – Perguntou. – Não me recordo de anel nenhum.

– Sinhazinha Rose, por favor, eu preciso do anel – Gerônimo começou a ficar com medo de que ela não cumprisse o trato.

– Você é um idiota, Gerônimo. Nem sei como meu pai pôde empregar você como feitor, e você ainda vem aqui me cobrar? Mais tarde eu dou o anel – respondeu Rose, encerrando o assunto com uma gargalhada.

Gerônimo tinha planejado ir no dia seguinte até a cidade para vender o anel e precisava pegá-lo naquele dia mesmo. Ficou rondando a janela do quarto de Rose até o começo da noite. Ela, ao perceber a atitude do feitor, deu um sorriso de desprezo e jogou o anel pela janela.

Como ainda era cedo, Rose resolveu ir conversar com seu pai no escritório.

– Papai, posso entrar? – Perguntou, com a porta entreaberta.

– Sim, filha, entre – respondeu o fazendeiro. – Você não teve sorte com o seu presente, não é?

– Não tem problema, papai, o que me deixa triste é aquele homem amarrado naquele tronco, sofrendo. Por favor, liberte-o, papai. Quando o senhor puder, me dê outro presente. Acho que o Josafá matou a moça só para não deixá-la sofrer mais<sup>7</sup>. Era um grande amor.

Aquelas palavras amoleceram o coração do velho fazendeiro. Ele não conhecia aquele lado singelo e amoroso da filha. Mas também não imaginava que era puro fingimento.

– Vou mandar soltar o negro – disse ele.

– Deixe-me fazer isso, papai?

– Está bem, procure o Gerônimo e mande soltar o negro.

– Já estou indo.

Rose deu um beijo na face do fazendeiro e saiu correndo, deixando-o pensativo, coçando o queixo, incrédulo. Porém, a moça já tinha um plano arquitetado. Antes de falar com Gerônimo, ela falaria com Josafá.

– Josafá, está me ouvindo? – Perguntou baixinho, agachada próxima ao escravo.

– Sim..., sinha... zinha Rose – respondeu Josafá com dificuldade, entre gemidos.

---

7 - Há pessoas que pensam que ao abreviar a vida de alguém que está sofrendo (eutanásia) o estarão ajudando. Essa idéia é errada, conforme ensina a Doutrina Espírita, pois na verdade o estão privando de um último exame de consciência e de um possível arrependimento antes de seu desencarne. (Ver cap. 5, item 28º de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Petit Editora.)

---

– Quem matou a negrinha foi o Gerônimo – disse ela, olhando nos olhos do escravo.

Josafá virou a cabeça para o lado e chorou. Seu coração estava muito apertado, a dor do castigo no tronco não era nem a metade da dor de ter perdido sua amada. Sua amargura era muito grande.

Rose sentiu um pouco de remorso ao ver o sofrimento do rapaz e as lágrimas escorrendo pelo rosto dele. Talvez tivesse ido longe demais com aquilo. Mas não dava mais para parar, precisava reaver o anel. Levantou-se e foi procurar o feitor. Deu-lhe a ordem para soltar o negro e voltou para casa à espera dos acontecimentos.

Gerônimo foi libertar Josafá. Levaram-no para a senzala, a fim de tratar os ferimentos feitos pelas chicotadas. Porém, o escravo ficou à espreita. Na primeira oportunidade, juntou todas as forças que lhe restavam e, num salto, agarrou o pescoço do feitor. Rolaram pelo chão numa luta feroz. Gerônimo, num esforço supremo – pois apesar de Josafá estar bastante machucado era forte e grande –, alcançou a faca que levava à cintura e, num golpe, acertou a barriga do oponente, que, ao ser ferido, retraiu-se. Aproveitando o descuido, Gerônimo esfaqueou-o por várias vezes, só parando quando o escravo já estava morto.

Mais uma vez a paz na fazenda foi quebrada. Mais uma morte em tão pouco tempo.

Um dos empregados correu até a casa-grande e contou o ocorrido ao patrão.



– Não é possível! Como essa gente dá trabalho! – Bradou o fazendeiro, correndo em direção à senzala.

Do alto da escada, Rose ria baixinho dos acontecimentos. Agora o plano só iria continuar no dia seguinte.

– Não tive culpa, patrão – dizia o feitor. – O negro pulou no meu pescoço parecendo um louco, era ele ou eu!

– O que fiz para merecer tudo isso? – Lamentava Dom Alcântara, coçando a cabeça. – Mandem tirar o corpo daí. Bem que eu deveria descontar do seu pagamento, não é?

Gerônimo não respondeu, mas pensou:

“Com o dinheiro que vou conseguir com o anel, nem preciso trabalhar mais aqui, vou para longe, vou cuidar da minha vida em outro lugar”.

Como o dia seguinte era a folga dele, juntou suas coisas, que não eram muitas, com cuidado para que ninguém percebesse, colocou no cavalo e saiu cedo.

Já era quase meio-dia quando Rose deu prosseguimento ao seu plano. Entrou no escritório de seu pai, forçando um choro.

– Pai, sumiu aquele anel de diamante que o senhor me deu no ano passado, que era da mãe. E agora?

– Mais uma! – O velho fazendeiro jogou-se na poltrona suspirando profundamente. – Quem teria a ousadia de entrar na casa para roubar?

– Talvez tenha sido um dos empregados – Rose procurou direcionar a conversa. – O senhor mandou o Gerônimo para a cidade hoje?

– Não, se bem que hoje é dia de folga dele, ele pode ir aonde quiser.

– É, mas a Rosália o viu saindo cedo, com uma baíta de uma trouxa no cavalo – reforçou a garota.

– Vou até o dormitório dele verificar isso – disse o pai, saindo do escritório.

No dormitório, com ajuda de Romildo, um dos empregados, puderam verificar que o feitor não tinha intenção de voltar mesmo, pois havia levado todos os seus pertences. Imediatamente o fazendeiro nomeou Romildo como o novo feitor e logo ordenou que reunisse alguns homens bem armados para que dentro de uma hora saíssem à caça de Gerônimo.

Como Gerônimo havia comentado a intenção de ir à cidade, foi para lá que o grupo seguiu. Chegando, Dom Alcântara procurou logo o delegado, narrando o ocorrido em poucas palavras. Imediatamente o homem da lei reuniu os seus ajudantes e deu a ordem de procurar o fúgitivo em todos os cantos.

Gerônimo viu quando o patrão chegou à cidade, acompanhado dos empregados armados, indo direto para a delegacia. Deduziu logo que Dom Alcântara não tinha vindo passear.

“Aquela maldita menina, planejou tudo direitinho – pensou ele. – Não vou deixar que ela fique rindo de mim. Vou aproveitar que estão todos na cidade e voltar à fazenda para dar uma lição naquela sem-vergonha.”

E foi o que fez. Rápido, mas com cuidado, deixou a cidade e foi para a fazenda e, esguei-

rando-se para não ser visto, entrou na casa-grande por uma das janelas. Subiu até o quarto de Rose e entrou. Ela estava em frente à penteadeira e Marina alisava seu cabelo com uma escova. Pelo espelho, Rose viu o ex-feitor entrar já com uma arma em punho. Correu para um canto tentando fugir do perigo, porém não havia saída, ficou encolhida num canto, acuada. Marina tentou dialogar com Gerônimo.

– Calma, Gerônimo. Leve o que quiser, mas não fira ninguém.

– Fique quieta, sinhazinha Marina – respondeu Gerônimo. – Esta maldita não tem o direito de viver. Eu respeito a senhora porque sei que é uma boa pessoa, mas sua irmã é pior que o demônio!

– Piedade, Gerônimo! – Gritava Rose, presentindo o perigo.

– Piedade?! Você não teve piedade com a moça nem com Josafá; por que acha que eu iria ter com você, sua desgraçada?

Gerônimo apontou a arma para Rose e, quando ia apertar o gatilho, Marina entrou na frente para tentar impedir o disparo e recebeu um tiro certo no peito, caindo no meio do quarto. Por alguns instantes, Gerônimo e Rose ficaram parados, sem saber o que fazer. O ex-feitor, vendo a gravidade da situação, esqueceu o que o tinha levado ali. Saiu em uma louca disparada, atropelando os negros que subiam a escada para ver o que havia ocorrido. Já fora da casa, ele pulou no cavalo e saiu a galope. Tentou saltar a cerca, mas como ela era muito alta, o cavalo tropeçou

e caiu em cima da perna do ex-feitor. O cavalo quebrou o pescoço, vindo a morrer na hora. Sem poder se livrar do animal, o ex-empregado da fazenda foi cercado rapidamente pelos negros que guardavam a casa.

– Vamos amarrá-lo no tronco – disse Romualdo, um dos responsáveis pela segurança da fazenda. – Pedro, pegue um cavalo e vá até a cidade avisar o patrão. Rápido!

# O *Problema de Tônico*



Terminada a narrativa, Adalberto deu um suspiro e olhou para o mentor espiritual Geraldo, como que perguntando por que havia sido interrompido o “relato”.

– Já é tarde, Adalberto, você tem de voltar para o seu corpo.

– Obrigado pela ajuda – agradeceu, mentalizou o corpo e numa fração de segundos já estava nele.

Eram seis horas da manhã quando o despertador soou a campainha, acordando o médium. Levantou-se, fez sua higiene, tomou o café da manhã que sua esposa já havia preparado e saiu para mais uma de suas caminhadas mati-

nais. Por ser aposentado, procurava manter a forma física andando.

Na padaria, Valdomiro terminava uma fornada de pãezinhos cheirosos e quentinhos, deixando no ar aquele aroma delicioso. Tónico, mais uma vez, não havia aparecido para o trabalho e seu Joaquim voltou a falar em despedi-lo. Em conversas anteriores, Tónico contara mais ou menos o seu problema para Valdomiro. Zezinho, único filho, estava andando com companhias não muitos recomendáveis, embriagando-se e, algumas vezes, quando estava sóbrio, dizia ver um vulto que parecia ser seu avô. Seu pai também suspeitava de que ele estava usando drogas.

Valdomiro resolveu passar na casa do amigo na hora do almoço, para tentar ajudá-lo de alguma forma; no mínimo, tentar fazer com que ele não faltasse tanto ao trabalho, pois isso iria prejudicá-lo ainda mais.

Era mais de meio-dia e meia quando Valdomiro chegou à casa de Tónico. Bateu palmas e gritou:

– Ó de casa! Tem alguém aí?

Tónico saiu sorridente. Apesar dos problemas enfrentados, ele sempre mantinha o bom humor.

– O padeiro de araque está perdido? – Disse ele, brincando com Valdomiro. – Vá entrando que a casa é sua.

Valdomiro entrou e foi logo sentando no sofá.

– Valdomiro, quer um cafezinho? – Perguntou a esposa de Tónico.

– Não, obrigado, Mariazinha.

– Qual o motivo de sua visita, há algum problema na padaria? – Quis saber Tônico. – Seu Joaquim falou alguma coisa de mim?

– Falou, e está ficando difícil contornar a situação. Você precisa dar um jeito para não faltar tanto. Logo o “homem” perde totalmente a paciência e acaba mandando você embora. Ele só não fez isso ainda porque você é bom funcionário e eu estou sempre dando um jeito.

– É, e eu agradeço muito. Meu filho ficou a noite toda fora de casa e eu não conseguia dormir.

– É por isso que eu vim aqui. Houve uma época em que você me criticava, me chamando de ateu, só porque eu não seguia nenhuma religião. Na verdade eu experimentei seguir várias, e você até mesmo me levou algumas vezes na sua igreja para participar do culto. Mas nunca encontrava respostas para minhas perguntas. Só que agora encontrei, sou feliz e por isso estou aqui para tentar ajudá-los, vai depender só de vocês.

– E que religião é essa que conseguiu cativar você? – Perguntou Tônico.

– Espiritismo – respondeu Valdomiro, com bastante convicção.

Tônico e sua esposa entreolharam-se e ficaram boquiabertos, com uma tremenda cara de espanto.

– Espiritismo?! Você está maluco? Isso é coisa do demo! – Gritou Tônico, ficando de

pé em frente a Valdomiro, que continuava tranquilo.

– Não é, não – respondeu ele. – É a melhor coisa que poderia ter acontecido comigo. E tem mais: você me levou umas três vezes para assistir ao culto em sua igreja, agora vou levar você para participar de uma reunião espírita.

– Vai? E quando vai ser isso? – Perguntou Tônico, tentando zombar e desafiar o amigo.

– Hoje.

– Hoje?!!!

– É, sim, você está surdo ou está dando uma de mané, hem?

Tônico olhou para a esposa, como quem procurasse defesa para sair daquela situação, porém ela só encolheu os ombros e fez biquinho, como quem dissesse: “Você é quem decide”. Afinal, o amigo estava ali apenas tentando ajudar e dizer não seria, no mínimo, indelicado. Além disso, Tônico ia ao culto apenas por hábito, pois não encontrava todas as respostas para suas dúvidas, mas, como se sentia bem indo lá, continuava a frequentar.

– Não sei, não – falou Tônico, coçando o queixo.

Valdomiro se ajeitou na poltrona, tomou um ar mais sério e falou num timbre de voz mais forte, diferente do jeito que costumava falar.

– Tônico, somos amigos há muito tempo, mais tempo do que você pode imaginar. Sempre respeitei você, sempre procurei ser o seu melhor amigo, porém o momento requer serie-



dade para que consigamos resolver todos os nossos problemas. Quando você pediu, eu o acompanhei para assistir ao culto da sua igreja. Não era o que eu queria, mas em atenção à nossa amizade, eu fui. Hoje estou pedindo apenas que você vá só uma vez comigo à reunião no Centro Espírita. Só uma vez. Apenas um pouquinho de esforço, que, acredito, será muito recompensador.

Tonico ficou parado, meio espantado com a forma de falar do amigo. Nunca o havia visto falar daquele jeito e com aquela voz tão estranha, mas que ao mesmo tempo parecia tão familiar, parecendo ser a voz de uma pessoa muito próxima da família.

– Às dezenove horas passarei aqui para pegar você. Esteja pronto – falou Valdomiro, saindo em seguida, não dando tempo para o amigo retrucar.

Na rua, Valdomiro deu um suspiro e começou a pensar no que havia acontecido. Nunca tinha tido uma experiência tão estranha, nada parecido com aquilo. Era como se alguém falasse por meio dele. E aquela dormência no corpo... Era tudo muito estranho. Estava tão distraído que quase deu uma trombada em Adalberto, que se encontrava no seu caminho.

– Olhe para onde vai, meu rapaz. Assim você vai acabar atropelando alguém – brincou Adalberto.

Valdomiro contou em poucas palavras para o amigo o que havia ocorrido na casa de Tonico. Adalberto escutou com atenção e esclareceu o rapaz:

– Você deve ter uma mediunidade mais acentuada. Teve uma experiência de incorporação espontânea e precisa estudar a Doutrina Espiritista<sup>8</sup> e trabalhar para aperfeiçoar a sua mediunidade e ter controle sobre isso<sup>9</sup>.

– Inco... o quê?! – Espantou-se Valdomiro.

– Incorporação é a comunicação de um espírito por meio de um médium. Você ainda não sabe nada sobre isso?

– Sim, sei, agora me lembro. Li sobre isso num livro que o senhor me emprestou.

– Acho que você deveria fazer sua inscrição no curso preparatório para o Espiritismo hoje mesmo.

– Acha mesmo? – Perguntou Valdomiro.

– É lógico. Você, sendo um médium em potencial, pode ter servido de intercâmbio. Veja, talvez algum parente ou espírito protetor do seu amigo estivesse lá tentando ajudá-lo e, ao ouvir a conversa e perceber sua mediunidade acentuada, aproveitou para exprimir de forma mais direta o seu conselho.

– Entendi. Mas não é necessário que o médium faça uma preparação antes que aconteça uma incorporação? – Quis saber Valdomiro.

---

8 - Para conhecer a Doutrina Espírita é necessário o estudo dos livros básicos da Codificação de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *A Gênese*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Céu e o Inferno*.

9 - Mediunidade é a capacidade de nos comunicarmos com o mundo espiritual, seja em sonho, por meio de intuição ou de qualquer outra maneira. Todos somos médiuns, pois a influência dos espíritos se exerce sobre nós de alguma maneira.

---

– Em condições normais, sim. Mas ali a necessidade da comunicação era urgente e o médium não precisa necessariamente estar sabendo que vai haver uma comunicação. Isso ocorre a todo instante, nós estamos constantemente em contato com os espíritos, estamos muitas vezes sendo intuídos. Basta só um pouco mais de sensibilidade e o intercâmbio acontece.

– Que maravilha! Quer dizer que alguém conhecido de Tônico me utilizou para convencê-lo a ir ao Centro Espírita? Bem esperto! Que coisa fascinante!

– Se convenceu eu não sei, só saberemos à noite – disse Adalberto, colocando uma das mãos no ombro de Valdomiro. – Pouco sabemos da real grandeza do mundo em que vivemos, e, além disso, ele tem o livre-arbítrio.

Valdomiro olhou para Adalberto, tentando alcançar o verdadeiro significado daquelas palavras, quando deparou com o relógio da igreja.

– Caramba, já são quase duas horas! Seu Joaquim deve estar subindo pelas paredes! – E saiu correndo. – Até logo, seu Adalberto, e obrigado pelas explicações.

Adalberto abanou a mão em sinal de despedida e voltou para o seu caminho, sorrindo e meditando sobre a experiência de Valdomiro. Como é interessante a espiritualidade trabalhando sempre no auxílio dos encarnados! E estes na maioria das vezes não têm a menor idéia do que recebem, ignorando e não tirando proveito desse precioso auxílio. Se ao menos o homem

procurasse higienizar mais seus pensamentos, imaginando coisas boas, procurando ver o lado bom de tudo e de todos, com certeza receberia muito mais ajuda.

# No Centro Espírita



Já eram mais de dezenove horas e quase todos os trabalhadores do Centro Espírita já haviam chegado. Valdomiro chegou com Tônico, que vinha atrás, observando tudo com olhar desconfiado.

– Tem certeza de que não tem nenhum perigo aqui? – Perguntou.

– Tenho, você só vai encontrar amigos por aqui – respondeu Valdomiro com firmeza. – São pessoas normais como você e eu.

– Eu posso ajudar os companheiros? – Perguntou uma senhora simpática, se aproximando.

– Obrigado, precisamos falar com seu Adalberto. Ele já chegou? – Indagou Valdomiro.

– Sim, está na livraria.

Valdomiro agradeceu, fez sinal para Tonico acompanhá-lo e foi em direção à livraria. Lá, Adalberto conversava com uma das voluntárias que cuidava da venda dos livros.

– Então, Tereza, está gostando do seu novo trabalho? – Perguntava ele.

– Nossa! Seu Adalberto, nunca me senti tão bem em minha vida! É tão maravilhoso! Quando é o meu dia de dar plantão aqui, eu não vejo a hora de vir. Gosto muito de ler, leio quase todos os lançamentos e quando as pessoas vêm aqui precisando de ajuda, na busca de algum livro, procuro orientá-las para levarem o que possa lhes dar as respostas de que precisam. E sabe que interessante, quando acabam de ler vêm me procurar para agradecer o bem que a leitura lhes fez.

– Ótimo, vamos torcer para que esse seu entusiasmo perdures por muito tempo e, se as pessoas estão gostando, continue assim, não é?

– Eu acho que sim. Estou até planejando formar um clube do livro espírita. O que o senhor acha? – Perguntou a moça.

– Toda iniciativa é válida, porém você precisa tomar cuidado para não se sobrecarregar e acabar perdendo o ânimo. É preciso administrar bem o seu tempo para que nenhum dos trabalhos seja prejudicado. Procure reunir mais auxiliares para os novos projetos. Assim você poderá executá-los com mais segurança e estará dando oportunidade de outras pessoas também serem úteis.

– Obrigada pela dica, seu Adalberto. É sempre bom ouvir alguém com mais experiência. É verdade, a gente fica muito entusiasmada e pode acabar estragando tudo.

Adalberto sorriu. Nesse instante, Valdomiro e Tônico entraram na livraria.

– Vejo que você conseguiu trazer o seu amigo – disse, dirigindo-se aos rapazes.

– É, aqui está o Tônico.

Como Adalberto já sabia da história do amigo de Valdomiro, apertou a mão de Tônico e disse a Valdomiro:

– Ainda temos tempo antes de começar a reunião. Por que você não leva o Tônico para tomar um passe?

– Certo. Então, até já – respondeu Valdomiro.

– Venha, Tônico.

Depois de saírem da livraria, Tônico puxou o braço do amigo e disse:

– Que negócio é esse de tomar passe?

– Relaxa, amigo, você vai gostar. E depois, você nunca ouviu falar de imposição de mãos? É a mesma coisa.

E foram para a sala de passes.

Às oito horas em ponto, Adalberto deu por iniciada a reunião pública do Centro Espírita. Foi feita a prece inicial por um dos participantes da mesa. Em seguida, foi lido um trecho de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Adalberto fez o comentário do texto lido. Falou, emocionando, à platéia, sobre a passagem em que, estando Jesus crucificado entre dois ladrões, um deles pediu ao Mestre:

“Senhor, quando entrardes no vosso reino, lembrai-vos de mim.”

Jesus, então, respondeu:

“Ainda hoje estaremos na casa do Pai.”

Valdomiro, por um gesto inconsciente, olhou para Tónico. Este, envolto em profunda emoção, deixou uma lágrima rolar pelo rosto. Valdomiro sentiu uma felicidade muito grande. Fechou os olhos e agradeceu mentalmente aos amigos espirituais por aquele momento tão maravilhoso.

Terminado o comentário feito por Adalberto, um outro senhor fez uma palestra sobre um tema atual, enquanto os médiuns psicografavam.

No final, foi feita uma vibração e, em seguida, a prece final. Aquela senhora simpática que os havia recebido na entrada aproximou-se de Tónico e entregou-lhe um papel. Ele olhou para Valdomiro e fez um gesto, como que perguntando o que era aquilo.

– Não sei. Leia e veja o que é – respondeu Valdomiro, também curioso.

Tónico começou a ler a mensagem, que começava assim:

“Querido filho, que a paz de Jesus sempre o acompanhe. Sei que você está estranhando tudo, mas mantenha a serenidade, que tudo dará certo. Sua mãe, Clô, está muito bem, manda um carinhoso abraço e pede para que você não...”

Tónico continuou a ler com profunda ansiedade. Mais uma vez as lágrimas voltaram a rolar. Quando acabou de ler, olhou para Valdomiro e disse:



– Não compreendo, essas pessoas não sabem nada sobre mim. Como podem falar de coisas tão pessoais da minha vida? – Quis saber.

– De quem é a mensagem? – Indagou Valdomiro.

– É de meu pai.

– Olha, Tônico, seu pai deve ser um grande trabalhador no mundo dos espíritos e deve estar tentando ajudá-lo. Você viu, o Espiritismo não é nada daquilo que você pensava, não é?

– Tem razão, mas como vamos ajudar o meu filho?

– Primeiramente, toda a família precisa vir ao Centro Espírita e fazer um tratamento espiritual. No caso do Zezinho, provavelmente será necessário um tratamento mais cuidadoso. Com o tempo veremos os resultados. É interessante também que vocês leiam os livros espíritas, pois esse conhecimento facilitará a solução dos problemas.

– Então vamos lá na livraria comprar alguns livros – disse Tônico, entusiasmado.

– Calma! Por enquanto você precisa somente de dois livros.

– Só dois?! E quais são eles?

– O primeiro é *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em que você vai se inteirar da parte religiosa. O segundo é *O Livro dos Espíritos*. Por meio dele você começará a entender o que é o Espiritismo em sua parte filosófica. Mais para a frente, vocês deverão ler *O Livro dos Médiuns*, que explica como funcionam as várias espécies de mediunidade. Tudo deve ser feito com muita calma e sem pressa.

– Você está bem por dentro dessas coisas, hem? – Brincou Tônico.

– É interessante, a impressão que dá ao descobrirmos o Espiritismo é que a gente perdeu muito tempo e tenta-se quase que desesperadamente tirar o atraso. Seu Adalberto explicou que essa sensação é natural, principalmente para aqueles que vêm em busca de respostas, e que isso acontece com as pessoas que estão mais ou menos preparadas ou afins, mas que logo a gente se acomoda e começa a fazer as coisas com mais naturalidade. Eu ainda estou na fase eufórica, já devorei uns sete livros.

Depois de comprarem os livros, saíram. Adalberto conversava com Fina.

– E então, Tônico, qual foi sua primeira impressão sobre o Espiritismo? – Perguntou Adalberto.

– Realmente não é nada daquilo que pintam por aí – falava já num tom mais tranquilo.

– Algumas pessoas falam mal por desconhecimento. No momento em que se tem um contato mais próximo, de alguma forma muda-se de opinião. É a lógica de uma doutrina que não deixa dúvidas em nada. Tudo é claro e direto.

– Ele até recebeu uma mensagem do pai dele! – Interveio Valdomiro.

– Que maravilha, Tônico!

Tônico mostrou a mensagem para Adalberto, que leu com atenção e explicou:

– Seria muito bom que na próxima reunião você viesse com toda a família para iniciar os tratamentos. Principalmente o seu filho.

– É o que Valdomiro me falou; na próxima reunião estaremos aqui – respondeu Tónico.

– É isso aí, você vai conseguir, tenha muita fé e, principalmente, persevere. Você não tem idéia de como o ter fé, o crer, nos traz transformações, e o plano espiritual sempre ajuda aqueles que querem realmente ser ajudados – esclareceu Adalberto.

Interrompendo a conversa, Valdomiro questionou Adalberto:

– Desculpe interromper, mas é que eu gostaria de saber como está Rose, o senhor tem notícias dela?

– Ela está se recuperando. A Fina estava dizendo que sentiu a presença dos “amiguinhos” da Rose lá no quarto do hospital – disse Adalberto.

– Puxa vida! Essa turma não perde tempo.

– Calma, são apenas espíritos desequilibrados, que precisam também de ajuda. Vamos ter de apressar o tratamento de Rose. Ela terá de fazer um esforço para vir também na próxima reunião. Assim tentaremos ajudar os “amiguinhos” dela também.

E assim despediram-se, indo cada um para sua casa.

# *Novamente no Passado*



Como acontecia todas as noites, Adalberto se desdobrou durante o sono, enquanto o corpo descansava, e foi em espírito para uma colônia de estudo. O corpo precisa descansar, mas o espírito não. Assim, Adalberto aproveitava ao máximo esses momentos tão preciosos de liberdade temporária, seja estudando ou auxiliando os mais necessitados.

Chegando à colônia, no pavilhão de projeções, sempre acompanhado do seu mentor e amigo Geraldo, acomodou-se na poltrona e aguardou a continuidade do relato sobre a vida passada de Rose, iniciado no último encontro.

As imagens não tardaram a aparecer.

\*

Dom Alcântara retornou para a fazenda a cavalo. Pedro lhe contou que tinha escutado tiros na casa-grande, que sua filha, Marina, estava morta, mas não sabia o que tinha acontecido de fato, e que Gerônimo estava preso.

Logo o fazendeiro ficou a par dos acontecimentos. A tragédia caiu como um tonelada em seus ombros. Ficou sem saber o que fazer, com as mãos apoiadas na cerca, olhando o horizonte, mergulhado numa profunda tristeza.

“Por quê?” Perguntava-se. “Por que Deus o castigava tanto? Primeiro sua esposa que tanto amava, perdeu-a para ter uma filha desmiolada, agora perde a filha querida.”

Os empregados, junto com os escravos, ficaram a certa distância, esperando ordens, observando.

Aos poucos, o velho coronel foi se recompondo. Sua filha estava morta, aquela por quem tinha um carinho muito especial, cuja simplicidade admirava e, apesar de não concordar com algumas atitudes dela, a respeitava, pois no íntimo tinha grande admiração pela filha. Sabia de sua grande capacidade intelectual e moral, sem, no entanto, poder entender como ela poderia ser sua filha, sendo ele um rude, sem educação, não tendo o que ensinar. Foi-se Marina, um anjo, ficou Rose, uma peste! Assim pensava Dom Alcântara.

Em passos lentos, dirigiu-se para o tronco onde Gerônimo estava amarrado, parou a alguns

metros olhando o ex-empregado. Este, por sua vez, nem olhou para o ex-patrão.

Depois de algum tempo, o velho coronel aproximou-se de Gerônimo, agachou-se à sua frente e falou bem devagarinho como se quisesse marcar bem as palavras.

– Você não tem a mínima idéia do que vou fazer com você, seu desgraçado!

Gerônimo não respondeu nem se mexeu.

Por fim, o velho voltou para casa, sempre acompanhado dos empregados que aguardavam ordens. Aproximou-se da mesa onde se encontrava o corpo de Marina. Acariciou o rosto rosado e delicado dela, parecia que estava dormindo, tal era sua candura. Ele não conseguiu conter as lágrimas. Nunca se sentiu tão desolado. Nem mesmo quando sua companheira morrera, ao dar à luz Rose, havia se sentido dessa forma. Agora parecia que estava num deserto, só, sem amparo ou consolo, sem ninguém para uma palavra de estímulo. Sentia como se seu coração quisesse também parar. Fechou os olhos, não queria acreditar que aquilo estava acontecendo. A última pessoa que poderia consolá-lo estava ali, estendida, sem vida. Desde a morte de sua querida esposa, Marina era seu único apoio. Como seria sua vida, só Deus sabia. Mas parecia que até Ele não estava mais ali.

Ficou ao lado do corpo inerte por longo tempo.

Finalmente dirigiu-se a uma das escravas que cuidava da casa e perguntou por Rose.

– Ela está lá no quarto – respondeu a escrava, chorosa, afinal todos gostavam muito de

Marina, ela era muito carinhosa com os escravos e sempre que podia auxiliava-os no que era possível.

Em passos lentos e cansados, o velho coronel dirigiu-se para o quarto. Encontrou Rose encolhida num canto, sentada no chão, com ambas as mãos unidas na boca e com o olhar perdido no nada. Quando seu pai entrou, ela se encolheu mais ainda, como um animal acuado.

O velho coronel, não sabendo ainda dos fatos verdadeiros, estranhou a atitude da filha.

– Filhinha, não fique assim, deite na cama e descanse um pouco.

– Papai, quando Marina vai subir para pentear meus cabelos? – Perguntou a garota, confusa. – Ela está demorando muito.

O pai, não sabendo o que responder, sentiu grande piedade da filha por achar que ela não estava entendendo o drama que estava ocorrendo. Tentou amenizar um pouquinho.

– Marina foi viajar e vai demorar para voltar. Vá para a cama e descanse.

– Eu queria ir com ela, papai. O lugar onde ela está é bonito? Eu também quero ir. Não quero ficar mais aqui. Esse lugar é muito ruim.

Rose falava freneticamente, mordendo os dedos.

Dom Alcântara começou a se preocupar. Pegou-a no colo e levou-a para a cama. Em seguida foi até a porta e gritou para a escrava, ordenando que rapidamente fizesse um chá calmante e servisse à garota.

Mandou alguns empregados às fazendas vizinhas informar o ocorrido. Na madrugada começaram a chegar os fazendeiros vizinhos para o enterro de Marina.

Pela manhã, Dom Alcântara encontrava-se na varanda, acompanhado dos fazendeiros. Ao longe, via-se o tronco no qual estava amarrado Gerônimo. Todos eram unânimes em fazer justiça imediatamente. Uns achavam que ele deveria ser enforcado. Porém, Dom Alcântara não achava as sugestões convincentes. Era pouco para o que ele estava sentindo. Precisava ser um castigo extremo. Assim pensava ele.

– E que castigo é esse, coronel? – Perguntou Dom Felício.

– Não sei ainda, não tenho pressa. Só vou aplicar o castigo quando achar um que atenda aos meus anseios de vingança.

– Por que o senhor não queima as pernas dele, Dom Alcântara? – Indagou Epaminondas, um fazendeiro novo na região que não era muito simpático aos presentes pois até eles achavam sua crueldade excessiva.

Todos o olharam com espanto. A frieza com que foi feita a sugestão era assustadora, pois ela era de arrepiar.

Dom Alcântara coçou o queixo, pensativo, e deu um sorriso sarcástico.

– Gostei da idéia! – Falou.

Um silêncio se instalou. Ninguém comentou ou apoiou a idéia, todos ficaram surpresos.



Depois de alguns minutos, Dom Felício retomou a conversa:

– Eu não gostaria de presenciar tal castigo. Pediria que o senhor, caso decida realmente aplicá-lo, o fizesse após o funeral.

Os outros fazendeiros externaram a mesma opinião. Somente Epaminondas não se manifestou.

– E você, Epaminondas? – Perguntou Dom Alcântara.

– Se o senhor não se importar, gostaria de ficar para presenciar o “espetáculo” – respondeu.

“Sádico” – pensou Dom Felício.

– Certo, amanhã faremos o “churrasquinho” – concordou Dom Alcântara.

Epaminondas soltou uma gargalhada e todos olharam reprovando-o, pois o momento não era para algazarra. Ele porém continuou a se divertir com a idéia.

“Sádicos” – pensou Dom Felício, incluindo, agora, Dom Alcântara.

À tarde foi feito o enterro. No término, todos se despediram, dando os pêsames a Dom Alcântara. Ficou apenas Epaminondas, esperando.

No outro dia, bem cedo, reuniram-se junto a Gerônimo. Dom Alcântara mandou os empregados trazerem lenha.

Gerônimo acompanhava tudo com medo, já imaginando o que lhe estava reservado.

– Tragam mais lenha, rápido – gritava o fazendeiro.

Gerônimo começou a se preocupar.

– Amarrem o safado e coloquem-no deitado no terreiro.

Gerônimo começou a se debater, tentando escapar e gritando desesperadamente:

– Piedade senhor, sei que errei, não faça isso comigo, farei qualquer coisa para compensar o senhor.

– Você não tem nada que possa compensar a perda de Marina, seu safado. Vai sentir na pele o que sinto no coração.

Gerônimo foi amarrado conforme o ordenado, deitado de barriga para cima com os braços abertos. Juntaram a lenha em cima das pernas dele e atearam fogo. Gerônimo berrou desesperadamente, implorando perdão.

Quando o fogo atingiu por completo as pernas, ele desmaiou.

Epaminondas observava tudo a uma certa distância, divertindo-se.

– Jogue água nele para acordá-lo! – Gritava.

Dom Alcântara acatou a sugestão e mandou jogar água no rosto do ex-feitor, para acordá-lo. Porém, não adiantou, ele recobrou os sentidos somente por alguns segundos, voltando a desmaiar.

Depois que o fogo apagou, o fazendeiro ordenou a seus empregados:

– Peguem-no e joguem-no lá na floresta para que os bichos o comam; esse desgraçado bem que merece.

Dois empregados da fazenda, Tonhão e Beto, pegaram Gerônimo e o colocaram numa carro-

ça, levando-o para a floresta. Ao chegarem lá, puseram-no no chão.

– Sei que o que ele fez é muito errado, mas o castigo foi muito cruel – falava Tonhão, olhando o capataz agonizante. – Acho que não deveríamos deixá-lo assim, nesse sofrimento.

– Mas o que poderíamos fazer? – Perguntou Beto. Não podemos cuidar dele, pois o patrão logo descobriria e com certeza iria nos castigar. Se pelo menos houvesse alguém pelas redondezas para cuidar dele... Mas eu não conheço.

– Eu também não – disse Tonhão. – Mesmo que conheçamos alguém, não irá querer cuidar do Gerônimo, para não criar desavenças com Dom Alcântara. O melhor é acabar logo com esse sofrimento.

Tonhão pegou uma faca que trazia na cintura e cortou uma veia do pescoço de Gerônimo, fazendo o sangue jorrar. Em poucos minutos o ex-feitor estava morto<sup>10</sup>.

Tonhão era muito religioso, bom de coração, e aquela atitude foi muito difícil para ele, pois sabia que não podia tirar a vida de ninguém, mesmo que fosse para amenizar o sofrimento da pessoa. Mas naquelas condições, não via outra saída, Gerônimo iria sofrer muito se ficasse sozinho no meio do mato. Quando viu que Gerônimo não respirava mais, enterrou-o com a ajuda de Beto, tirando em seguida o chapéu de palha, no que Beto o acompanhou humildemente, e fizeram uma prece sincera:

---

10 - Veja nota de rodapé da página 56.

– Senhor Pai, recebe este que acaba de nos deixar em teu seio, perdoa os seus pecados e encaminha-o pela estrada do bem; e se por acaso eu errei em tirar-lhe a vida, na esperança de amenizar o seu sofrimento, por favor, perdoame, pois a intenção foi a melhor possível.

Beto, como era sensível, não resistiu, deixou rolar uma lágrima. Tonhão viu, mas não comentou, para não melindrar o amigo.

– Vamos embora – disse, colocando o chapéu e dirigindo-se para a carroça.

\*

Passaram-se alguns dias. Rose demonstrava em suas atitudes não estar bem. Soltava gargalhadas à toa, jogava comida no chão e não se arrumava mais. Todos falavam que ela estava louca.

Seu pai não se importava muito, na verdade quase não via a filha, pois ela o evitava ao máximo, escondendo-se quando ele aparecia. Os escravos não comentavam nada com o patrão.

Certo dia, Dom Alcântara foi ver a filha e ficou horrorizado: o quarto estava todo destruído, cortinas rasgadas, móveis quebrados, parecia ter acontecido um terremoto ali. A filha, pálida, encontrava-se estirada sem forças no colchão que estava no chão.

– Filhinha, o que aconteceu com você? – Perguntou o pai, trazendo a filha para o seu colo. – Por que você se deixou abater assim?

– Papai, não se preocupe comigo. Tenho muita saudade de Marina. Quero tanto vê-la! Mande alguém chamá-la, por favor.

– Maria – gritou o fazendeiro.

– Sim, patrão – respondeu rapidamente a escrava que cuidava da casa e estava na escada, só esperando.

– Mande o Tonhão até a cidade buscar o médico, rápido.

– Sim, patrão. – E saiu correndo escada abaixo.

Algumas horas depois, o médico chegou e foi direto para o quarto de Rose. Examinou-a e deixou uma receita e alguns remédios, recomendando que fosse feita uma boa limpeza no quarto e que o deixassem bem arejado.

Porém o socorro chegou tarde. Naquela mesma noite, Rose, que estava muito debilitada por não se alimentar, desencarnou.

Dois espíritos de aspectos sombrios estavam esperando por aquele momento.

Quando Josafá e a escrava foram assassinados, eles foram recebidos por espíritos das sombras, que os esclareceram da nova situação. Em pouco tempo eles já estavam acompanhando Rose e, compreendendo toda a sua maldade, passaram a obsediá-la. Presenciaram o sofrimento de Gerônimo e foram ao seu encontro apenas para fazer dele um escravo. Porém, ele ficou com a idéia fixa nas queimaduras das pernas e não conseguia ficar em pé. Em pouco tempo, devido à sua forte mentalização, acabou ficando sem as pernas. Josafá esperava que fosse por pouco tempo, por isso manteve-o por perto.

Josafá, espírito inteligente, logo compreendeu os mecanismos do mundo dos espíritos e dominava com habilidade a manipulação de fluidos, tendo assim uma forte influência sobre as pessoas. Até mesmo a morte de Rose aconteceu por influência dele. Obsediando-a intensamente, aproveitando sua baixa vibração e sua consciência que a acusava do ocorrido, para ele foi fácil subjugar-lá. Agindo constantemente no pensamento da garota, não dando trégua, conseguiu o seu intento, levando-a a ficar muito doente e conseqüentemente, à morte<sup>11</sup>. Agora estavam frente a frente. Só precisava esperar que Rose compreendesse seu novo estado.

Porém, Josafá não contava com um detalhe: a presença de Marina, acompanhada de mais dois espíritos de luz que também estavam ali para auxiliar Rose. Marina, espírito bom, foi amplamente amparada quando desencarnou, compreendeu logo sua situação e preocupou-se com sua irmã. Solicitou aos seus superiores permissão para ir auxiliá-la, obteve com ressalvas, pois os seus amigos a alertaram de que seria inútil naquele momento qualquer auxílio. Mesmo assim, Marina quis tentar e com ela foram dois espíritos para ajudá-la.

---

11 - Os espíritos não podem matar encarnados, acontece que nos casos de profunda e prolongada obsessão, o obsessor impõe ao obsediado as suas vontades, interferindo não só nas suas ações e pensamentos, mas também na sua saúde, podendo causar a morte ou a loucura. Para o obsediado isso é uma provação que está de acordo com os desígnios de Deus, pois poderá libertar-se dessa situação mediante o perdão e a mudança de seus pensamentos e atitudes (veja *O Livro dos Médiuns*, capítulo 23).

---

Quando Josafá viu Marina, esbravejou com ódio:

– O que você faz aqui?! Não permitirei que se aproximem de Rose, agora ela me pertence!  
– Gritou ele, irritado.

– Ninguém pertence a ninguém – respondeu Marina com voz meiga e carinhosa. – Somos todos filhos de Deus, portanto, somos todos irmãos. Viemos para auxiliar nossa irmãzinha, e se você desejar poderá vir conosco também.

– Não permitirei que levem esta monstrinha com vocês, ela merece ser castigada pelo que fez.

– Desculpe, Josafá, infelizmente você não poderá impedir que levemos Rose conosco. E volto a dizer-lhe, gostaria muito que você e sua amiga viessem conosco.

– Ninguém irá com vocês, nem eu nem Joaninha – respondeu Josafá.

– Você não quer vir conosco, Joaninha? – Perguntou Marina diretamente à moça, que ficava sempre atrás de Josafá.

Ela, porém, só olhou para Josafá e balançou a cabeça negativamente.

Marina, juntamente com os companheiros, envolveram Rose numa nuvem de fluidos e aos poucos foram desaparecendo.

– Não adianta levá-la, estarei sempre à espreita. Um dia eu pegarei este monstro e aí ela será minha – gritou Josafá com os punhos cerrados, esmurrando o ar.

\*

Nesse instante acabou a narrativa e Adalberto olhou para Geraldo, como que dizendo: “Que situação, hem?!”

– É, Josafá, Gerônimo e Joaquina permaneceram juntos por todo esse tempo. Gerônimo nunca mais conseguiu reaver suas pernas, em virtude da sua fixação mental e porque Josafá assim o mantinha para que ficassem juntos para se vingar. Um dia descobriram o paradeiro de Rose, quando ela foi para aquele casarão, que no passado tinha sido a sede da fazenda<sup>12</sup>, e foram se juntar a ela, dando assim continuidade à vingança – esclareceu Geraldo.

– E quanto a Rose, o que aconteceu com ela?

– Perguntou Adalberto.

– Marina tentou por todos os meios mantê-la no pronto-socorro do plano espiritual, depois de tratá-la, mas Rose, na sua rebeldia, não quis ficar, preferindo caminhar sozinha, até que foi parar no Umbral, envolvendo-se com espíritos sofredores, sofrendo muito e por muito tempo, até que se arrependeu e pediu ajuda a Marina, que novamente a socorreu.

Na verdade, esse tempo no Umbral foi muito importante para Rose, pois ela meditou muito sobre tudo que havia feito, tanto encarnada quanto desencarnada, e compreendeu o mecanismo da espiritualidade. Depois de ser socorrida por Marina e ter de se readaptar à colônia, pediu ajuda da irmã para tentarem ajudar Josafá, Gerônimo e Joaquina. Mas não conseguiram nada, pois os três estavam envolvidos em baixíssimas vibrações, tanto é que nem consegui-

---

12 - Nem sempre os espíritos reencarnam no mesmo lugar ou na mesma família de vidas passadas, mas sim nos ambientes compatíveis com a sua necessidade de progresso.

---



ram reconhecer Rose como espírito naquele momento.

– Muito bem, vamos ver o que conseguimos resolver nesse caso – disse Adalberto, voltando em seguida ao seu corpo físico, pois já era quase o horário de despertar.

# O *Tratamento*



Na semana seguinte, Tónico levou a esposa e o filho ao Centro Espírita. Já havia combinado com Valdomiro, na padaria, de se encontrarem na porta do Centro. Não teve problemas para convencer a esposa a ir, mas o filho ofereceu uma certa resistência, não propriamente de sua parte, mais pelas companhias invisíveis que estavam com ele, pois para elas não havia interesse algum naquele tratamento. Pelo contrário, se pudessem evitar, o fariam por todos os meios, porém não eram somente os companheiros infelizes que estavam ali; estava também o pai de Tónico, que com sua presença conseguiu desfazer a resistência do grupo. Assim, os companhei-

ros infelizes não puderam evitar que o garoto fosse ao Centro Espírita.

Adalberto chegou primeiro que Valdomiro. Depois de estacionar o carro, seguiu para a entrada do Centro junto com Rose, que estava hospedada em sua casa desde que saíra do hospital.

Adalberto, avistando Tônico, foi cumprimentá-lo:

– Boa noite, Tônico, como tem passado?

– Muito bem, seu Adalberto, tirando os pepinos e os abacaxis, está tudo perfeito. – Riram. – Esta é minha esposa, Mariazinha, e este é meu filho José, o Zezinho.

– Ah! Que ótimo que vocês vieram – disse Adalberto, depois de cumprimentar os dois. – Espero que possamos ajudá-los.

– Agradecemos pela sua bondade – respondeu Mariazinha, timidamente.

Ele respondeu com um sorriso amigável e foi entrando no Centro com Rose. Na porta ele voltou-se para Tônico e perguntou:

– Vocês estão esperando o Valdomiro?

– Estamos sim – respondeu Tônico.

– Ótimo, mas se quiserem entrar e se acomodar, não tem problema nenhum.

– Obrigado, seu Adalberto. Vamos esperar mais um pouquinho aqui fora.

– Pessoa simpática este senhor, não é Tônico? – comentou Mariazinha.

– É verdade, ele é o presidente do Centro Espírita.

– Tônico, você não acha que o pastor Tadeu vai achar ruim de a gente ter vindo a um Centro Espírita? – Perguntou Mariazinha, preocupada.

– Achar ruim ele pode até achar, mas quem decide o que fazer somos nós, afinal estamos aqui para tentar encontrar uma solução para o problema do Zezinho. Já que ele não tem resposta para os nossos problemas, temos de ir buscá-la em outros lugares. E depois daquela mensagem espiritual do meu pai, não tenho mais nenhuma dúvida de que aqui iremos ser auxiliados.

– Só quero ver o falatório dos irmãos lá da igreja quando souberem que viemos a um Centro Espírita – disse Mariazinha, antevendo o “escândalo”.

Nisso chegou Valdomiro, um pouco cansado, pois tinha vindo a pé e a distância da sua casa ao Centro não era pequena.

– Oi, companheiro – disse Tônico, dando um abraço em seu amigo. – Aqui estamos nós.

– Estou feliz de ver a família aqui, unida. Tenho orgulho de tê-los como amigos – disse Valdomiro, emocionado.

– Você é um grande bajulador – disse Mariazinha, brincando.

– Vocês viram se seu Adalberto chegou? – Perguntou Valdomiro.

– Chegou sim, já está lá dentro – respondeu Tônico.

– Você viu se havia mais alguém com ele?

– Tinha, sim.

– Uma garota?

– É.

Tônico e Mariazinha se olharam e sorriram.

– Ah, ah! Quer dizer que o coração do rapaz está enamorado? – Brincou Tônico.

– Pare com isso – disse Valdomiro, encabulado, emendando para disfarçar: – Vamos entrar?

Lá dentro, Adalberto, vendo-os entrar, veio ao encontro deles e recomendou que fossem direto para a salinha de entrevistas, onde um médium iria analisar o caso de cada um e recomendar o tratamento ideal.

Depois da entrevista, o óbvio se confirmou: Tônico e Mariazinha fariam um tratamento espiritual simples, porém Zezinho, além do tratamento espiritual, seria atendido pela equipe de desobsessão<sup>13</sup>, pois tinha angariado companheiros muito infelizes, desconhecedores das verdades evangélicas e que seriam orientados nessa reunião.

Às vezes, o simples fato de seguir uma religião não é o suficiente. O lar, apesar de muitos desconhecerem, é o verdadeiro templo. Pensamentos e atitudes devem ser vigiados. Bem que Jesus nos aconselhou, muito tempo atrás, “orai e vigiai”. Verdades pouco seguidas, trazendo infelicidade e tragédias para o seio da família.

O médium que entrevistou Tônico recomendou que fizesse o Evangelho no Lar<sup>14</sup>, pois esta prática iria ajudar muito no tratamento. Tônico e Mariazinha gostaram da idéia e pretendiam colocá-la em prática com a ajuda de Adalberto,

---

13 - Desobsessão: reunião realizada no Centro Espírita para esclarecer o espírito obsessor, pois este geralmente tem pouco conhecimento evangélico. O objetivo é que ele desista dos seus propósitos de vingança.

14 - Evangelho no Lar: reunião feita para oração e estudo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. É realizada sempre no mesmo dia da semana e no mesmo horário para facilitar a presença dos amigos espirituais e para a proteção do lar.

---

que se prontificou a auxiliá-los nas primeiras semanas.

Depois da reunião, encontraram-se todos na livraria, Adalberto, Rose, Tônico, Mariazinha e Zezinho, menos Valdomiro, que conversava com Fina sobre os vários tipos de mediunidade existentes.

Rose já estava a par dos fatos. Adalberto explicou-lhe por alto os acontecimentos que ocorreram naquela encarnação tão conturbada, em que ela, por desconhecimento, tinha “conquistado” três ferrenhos perseguidores. Agora era preciso fazer a reconciliação para que a vida continuasse com naturalidade, buscar o aperfeiçoamento de todos, porque é assim que evoluímos, um ajudando o outro.

– Seu Adalberto, será que conseguiremos sensibilizar Josafá? Ele me parece estar tão endurecido. Tenho muito medo de que ele não me perdoe – dizia Rose, entristecida.

– Por mais duro que seja o coração, sempre é possível encontrar uma brecha, e por aí vamos tentar fazê-lo entender que a vingança não leva a nada e que perdoar é mais gratificante. E depois, Josafá já está há muito tempo nessa situação infeliz, acredito que não será difícil convencê-lo, mesmo porque ele é um espírito inteligente e compreenderá nossos argumentos.

– Deus te ouça – disse Rose, num suspiro, com uma pontinha de preocupação.

Nisso entrou Valdomiro todo sorridente.

– Oi, gente! Como estão todos? – Perguntou alegre. Porém, ao ver a carinha triste de Rose,

o sorriso que trazia estampado se apagou. – Que aconteceu? Pensei que estivesse tudo bem. Você saiu do hospital, está hospedada melhor do que ninguém e já está bem. Por que essa carinha de tristeza?

– Ela está preocupada com Josafá, acha que ele não poderá perdoá-la pelo que aconteceu – explicou Adalberto.

– Mas, pelo que entendi, quem sofreu mais foi o Gerônimo. Esse sim poderá dar preocupações. – Valdomiro foi falando e inconscientemente pegou na mão de Rose com carinho.

Os olhos de ambos se encontraram, com ternura. Não foi preciso palavras. Por alguns momentos ficaram parados, ali, um olhando para o outro, como que hipnotizados pelo amor. Aquele instante mágico, segundos apenas, parecia eterno. Essa é a magia do tempo que só o amor puro é capaz de realizar. Suas almas se afinaram, se reencontraram como duas notas musicais, formando uma bela melodia.

Como a realidade é outra, e não de sonhos, Adalberto deu uma pigarreada, acordando os dois jovens do transe. Disfarçaram e, encabulados, tentaram voltar à normalidade.

– Como você estava falando... – Adalberto deu uma paradinha de propósito. – Gerônimo é o que menos me preocupa. Ele aceitará qualquer situação que seja melhor que a atual. Josafá irá questionar tudo, não será fácil convencê-lo.

– Quando iremos saber realmente? – Quis saber Valdomiro.

– Precisamos ir ao casarão. Lá faremos uma reunião para esclarecermos. Tentarei então o contato com os três e vamos ver se conseguimos convencê-los a virem ao Centro. Se conseguirmos, eles darão comunicação e, se possível, serão doutrinados.

– Voltar ao casarão?! – Rose se espantou com a idéia.

– Não se preocupe, estaremos acompanhados de espíritos amigos que irão nos auxiliar.

– Pode ser, mas que dá arrepios, isso dá – falou Rose, preocupada.

– Também não fico à vontade naquele casarão – disse Valdomiro.

– Vamos só marcar um dia, precisamos combinar com Fina, para que ela vá com a gente – completou Adalberto.

Na saída, Valdomiro tomou coragem, se aproximou de Rose e perguntou:

– Não quer dar uma voltinha? Depois eu a levo para casa.

– Eu gostaria – falou Rose, entusiasmada.

– Vejam se não ficam até tarde na rua, hem?

– Disse Adalberto. Os dois riram e saíram.



# O *Encontro no Casarão*



A data combinada para fazer a reunião no casarão foi o sábado seguinte, e seria à noite. Valdomiro e Rose não gostaram, a princípio; porém não falaram nada, pois Adalberto deveria ter um bom motivo para ter escolhido aquela data, e como era em benefício da jovem, preferiram acatar sem qualquer comentário.

No sábado, bem antes do horário programado para irem ao casarão, Valdomiro já estava na casa de Adalberto. Todos sabiam o motivo de tanto entusiasmo, que era ficar perto de Rose. Ficaram os dois conversando na varanda. Quando faltava pouco para o horário combinado, Adalberto saiu e falou:

– Vamos indo, no caminho passaremos na casa de Fina.

Ao chegarem no casarão, por volta das dezenove horas, o sol já estava quase desaparecendo, iluminando com uma beleza monumental as nuvens, proporcionando um espetáculo fantástico que só a natureza pode nos oferecer.

Adalberto fez questão de dar uma paradinha, olhar para as nuvens e dar um suspiro de felicidade, elevando o pensamento, agradecendo pela oportunidade de poder presenciar aquela maravilha.

– Que lindo, não é, seu Adalberto? – Falou Valdomiro, também admirando os raios solares banhando as nuvens.

– Sim, é maravilhoso – respondeu simplesmente o senhor. – Poderia ficar horas admirando que não me cansaria.

Valdomiro concordou com um sorriso e saiu da porta do carro, porque Rose e Fina já estavam ficando incomodadas com a demora.

Desceram todos do carro e se dirigiram para o casarão. Rose estava visivelmente preocupada. Desde que tinha saído daquela casa, não tinha retornado mais e não sabia como se comportar e agir. Com certeza, Gerônimo, Josafá e Joaquina estavam lá dentro, e ela não saberia a reação deles quando entrasse na casa. Com receio foi ficando para trás, torcendo a blusa que tinha nas mãos e com os olhos lacrimejantes e apavorados.

Valdomiro notou o drama da garota e chamou por Adalberto, que voltou e abraçou Rose com carinho.

– Não tem nada com que se preocupar, querida, com nossa presença eles não poderão fazer nada. Mantenha o pensamento elevado, pense em Jesus que tudo dará certo. Não estamos sós, bons companheiros do plano espiritual estão conosco e nos ajudarão no que for necessário. Confie e ore.

– Está bem, desculpe – respondeu Rose.

Entraram devagarinho. Valdomiro foi até a caixa de luz ligar a chave geral. A casa estava limpa, pois Adalberto havia providenciado a limpeza logo depois que Rose foi retirada dali, mas como tinha ficado algum tempo fechada, persistia um cheiro desagradável. Fina procurou abrir as janelas e a corrente de ar se encarregou de purificar o ambiente, tornando-o mais respirável. De imediato não se notava nada. Adalberto não conseguia “ver” nenhum dos espíritos, mas sentia a presença deles. Estavam na casa, provavelmente no andar de cima.

– É muita ousadia! – Dizia Josafá, com ódio, batendo com sua varinha contra a mão. – Como eles têm coragem de vir até aqui? Dá vontade de torcer o pescoço daquela idiota.

– Tenha cal... – tentou recomendar Joaquina, mas foi interrompida.

– Cale a boca! Não me interessa a sua opinião. Se não fosse aquele velhote, bem que eu ia lá dar umas varetadas naquela cínica!

– O que você acha que vieram fazer aqui? – Perguntou Gerônimo, sentado no chão.

Josafá olhou com ironia o companheiro aleijado e deu uma gargalhada.

– Eles vieram aqui para nos provocar, mas não deixarei que levem a melhor... Estranho, estou sentindo tonteira. Que droga está acontecendo comigo?

– Eu também estou tonta – disse Joaninha, sentando-se na cama.

Espíritos de luz, que acompanhavam Adalberto, já estavam no quarto, preparando os três espíritos rebeldes, pois eles seriam “convidados” a participar da reunião<sup>15</sup>.

Na sala, todos já estavam acomodados. Adalberto fez a abertura da reunião e pediu que Fina fizesse uma prece, no que foi atendido prontamente.

– Deus-Pai – falava ela com profundo recolhimento e meditação –, agradecemos a oportunidade de poder servi-Lo, de estarmos encarnados resgatando nossos débitos e também de poder ajudar irmãos menos esclarecidos. Temos consciência do compromisso de nossa missão como médiuns e sabemos que isso não é um privilégio, mas sim uma oportunidade de resgatar nossos débitos perante Vós. Dai-nos forças para alcançarmos nossos propósitos imediatos e os que estão por vir, enviai Vossos mensageiros para nos auxiliar, se isso for do nosso merecimento. Humildes e servidores, faremos o máximo que

---

15 - Os três obsessores não percebiam a presença dos trabalhadores do plano espiritual devido à diferença de vibração. Os espíritos elevados têm uma energia mais pura e por isso não foram vistos nem sentidos pelos perseguidores de Rose, possuidores de uma energia mais densa. Porém, quando há necessidade, os espíritos de luz podem se fazer enxergar pelos espíritos de vibração inferior.

---

está ao nosso alcance para atingir os propósitos almejados. Graças!

– Valdomiro, abra o Evangelho aleatoriamente e leia a mensagem – pediu Adalberto.

– Sim, senhor – respondeu o rapaz, abrindo o livro e, surpreso, leu a mensagem:

– “Os inimigos desencarnados.” O espírita tem ainda outros motivos de indulgência para com seus inimigos. Primeiramente, sabe que a maldade não é o estado permanente dos homens, mas que é devida a uma imperfeição momentânea e, do mesmo modo que a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau um dia reconhecerá seus erros e se tornará bom.

“Sabe também que...”<sup>16</sup>

Valdomiro leu o texto emocionado e transmitiu emoção a todos.

– A lição vem mesmo a calhar – disse Adalberto. – Temos aqui um caso de vingança vinda do passado, em que o ódio tem predominado, endurecendo corações, não permitindo a entrada de luz e, conseqüentemente, de amor. Mas, como disse a mensagem, não existe coração tão perverso que não seja tocado por bons sentimentos. Assim, podemos dizer que ninguém é mau e que a bondade é uma semente que ainda está dormente nesses corações e de uma hora para outra pode desabrochar, mudando o trajeto desses espíritos, antes envoltos nas trevas, agora iluminados, pois esse é o desejo do Pai, pois, enquanto estivermos no caminho da ignorân-

---

16 - *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Allan Kardec, capítulo 12, Petit Editora.

---

cia, estaremos estacionados na evolução. No momento em que passamos a praticar a caridade, retomamos o caminho para o alto. Perdoar é um dos mais sublimes atos de caridade, porque aquele que carrega ódio no coração sofre muito, não conhece a felicidade e só a caridade é capaz de proporcionar a verdadeira felicidade.

Gerônimo e Joaninha, que estavam acomodados na sala, apesar de levemente atordoados, tinham consciência do que estava ocorrendo e ficaram emocionados com as palavras de Adalberto. Não eram espíritos ruins, apenas eram vítimas das circunstâncias, influenciados pelo poder de persuasão de Josafá, que não permitia qualquer iniciativa, tornando-os quase que escravos.

Josafá, por sua vez, continuava irredutível, olhava com ar zombeteiro e de provocação para Adalberto.

Os espíritos de luz, vendo que seria difícil convencê-lo naquele momento, tornaram-se visíveis aos três. Um deles aproximou-se de Josafá de forma carinhosa e abraçou-o sem sofrer resistência, fazendo-o adormecer. Em seguida, pediu a Adalberto que encerrasse a reunião, pois os três seriam levados ao Centro para tentarem lá a doutrinação deles.

\*

Às segundas-feiras, havia sempre reuniões de desobsessão, em que espíritos eram esclarecidos da sua nova situação e, se possível, doutrinados e socorridos.

Estavam todos presentes na reunião. Adalberto fez a abertura com uma prece e em seguida um dos presentes leu uma passagem de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que diz: “Aquele dentre vós que estiver sem pecado atire a primeira pedra”<sup>17</sup>. Depois de meditar sobre o ensinamento do perdão, deram início às comunicações.

Josafá, Gerônimo e Joaninha estavam dormindo num quarto no plano espiritual, logo acima do salão onde acontecia a reunião. Quando os trabalhos de incorporação começaram, eles foram levados para lá, ainda meio atordoados. Josafá estava sempre acompanhado por um mentor, que se mantinha abraçado a ele. Quando chegaram, o espírito de luz fez com que ele despertasse do torpor em que se encontrava e falou-lhe com muito carinho, pedindo que se aproximasse de Fina para que ela lhe permitisse uma incorporação. Josafá não pôde recusar. Tão bom era o bem-estar que aquele espírito lhe proporcionava que tocou seu espírito rebelde. Ele se aproximou de Fina, que já estava em transe, e ficou a seu lado.

– Fale, irmão – disse o espírito de luz –, abra o seu coração.

– Não entendo o que está acontecendo... – disse Josafá, espantando-se ao ver a médium repetir as suas palavras.

– Continue, irmão, você está entre amigos – incentivou Adalberto.

---

17 - *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 10, Petit Editora.

– Amigos!!! Não sei do senhor, por quem tenho muito respeito, mas nunca serei amigo desta trapaceira, quero mesmo é que ela derreta no fogo do inferno!!! – Bradou Josafá com ódio, apontando para Rose.

– Compreendemos sua revolta – disse Adalberto –, mas Rose já sofreu muito e hoje compreende que o ódio não leva a nada. Ela sabe também que lhe fez maldades num passado já distante e hoje pede que você a perdoe.

– Perdoar?! O senhor está delirando, jamais perdoarei!!!

– Tenho certeza de que Gerônimo a perdoaria, e ele foi o que mais sofreu, até mais do que você, pois foi ele quem teve as pernas queimadas em consequência da fragilidade de Rose. Você sofreu um castigo injusto, foi morto em consequência disso. Mas lembre-se de que nada nos acontece por acaso. Gerônimo está cansado de se arrastar, vamos liberá-lo para poder caminhar novamente.

– Como o senhor sabe dessas coisas? Elas aconteceram há muito tempo – disse Josafá, olhando para Gerônimo. – Este traste não vai andar nunca mais.

– Libere-o simplesmente, o resto nós faremos – pediu Adalberto, tentando convencê-lo.

– Por mim, tudo bem, já estou cheio de tê-lo por perto mesmo.

– Não querendo abusar da sua bondade, pediria que liberasse também a Joaquina.

– Não, assim já é demais! Ela ficará comigo.



– Está bem, voltemos então ao caso de Rose. Se você perdoá-la, poderá acompanhar os irmãos a esferas mais elevadas, onde será atendido com muito amor, e no futuro poderá até estudar. Você irá se sentir muito melhor que agora, perdoe para sentir-se melhor.

– Já ouvi falar de lugares que dizem ser maravilhosos – Josafá já demonstrava um certo cansaço e inclinado a aceitar o convite –, mas sempre achei que eu não seria digno desses lugares, pois sou muito ignorante, estúpido e negro ainda por cima. Com certeza não iriam me aceitar lá.

– Todos somos dignos desses lugares, você só precisa se arrepender dos seus erros e perdoar àqueles que você acha que são seus inimigos, pois, na verdade, não temos inimigos, somos todos irmãos. Perdoe e comece uma nova trilha na sua existência – disse Adalberto com muito carinho, o que foi o suficiente para minar as forças do espírito rebelde.

Nesse instante o espírito de luz que estava ao lado de Josafá abraçou-o com carinho. Josafá olhou para ele e chorou como criança, pois naquele momento pôde reconhecer o espírito que estivera sempre ali. Era sua mãe. Numa fração de minutos, recordou o tempo em que estiveram juntos na encarnação passada, quando ele era apenas um rapazola e estava frente a um futuro não muito promissor, que era a vida de escravo, e sua mãe lhe falava com carinho da necessidade de resignação, de não cultivar o ódio e de buscar sempre ser amigo de todos.

– Perdoe-me, mãe – pediu Josafá, em prantos, nos braços de sua mãe –, por ter sido mau por tanto tempo, perdoe-me.

– Eu não tenho o que lhe perdoar, querido, você é que precisa perdoar para poder se libertar deste peso que está carregando por tanto tempo. Perdoe Rose para irmos a um lugar maravilhoso, onde sempre o quis levar.

– Está bem, mãezinha, perdôo Rose e quero tê-la como amiga.

Naquele instante o ambiente se transformou. Do teto começaram a cair pétalas de flores perfumando o ambiente, raios de luz maravilhosos vinham do teto, de uma fonte desconhecida, demonstrando que a espiritualidade se rejubilava com o acontecido. Havia festa no céu.

Josafá, Gerônimo e Joanhinha adormeceram e foram levados com facilidade para um posto de socorro espiritual.

Adalberto acompanhou tudo, admirando o mecanismo espiritual e dando graças novamente, pois naquele momento mais uma corrente de ódio havia se rompido, dando lugar à fraternidade, e mais corações poderiam usufruir das benesses do bem e da caridade.

Rose, envolta em muita emoção, estava chorando, só que dessa vez não era de medo, e sim de felicidade inexplicável e maravilhosa, sentimento tão bom e tão pouco experimentado. Estava aliviada, como se um fardo houvesse sido retirado de seus ombros, sentindo que realmente havia sido perdoada.

– Vamos dar graças a Deus por tudo ter dado certo – disse Adalberto. – Vamos orar para que nossos irmãos possam se adaptar o mais breve possível à nova trilha que sabiamente escolheram nesta noite, e que de agora em diante eles possam transformar o ódio que tinham em seus corações em virtudes elevadas, alcançar benefícios para si e para todos aqueles que com eles tiverem contato. E que Deus nosso Pai os ilumine, graças.

Todos acompanharam a prece mentalmente e, quando terminou, retiraram-se do salão.

Já fora do Centro, Valdomiro abraçou Rose com carinho. Ela encostou sua cabeça no ombro do rapaz e seguiram juntos para casa.

No dia seguinte, Rosália saiu para dar sua costureira varrida no quintal. Estava distraída quando, de repente, olhou para o casarão e estranhou, pois ele estava diferente. Não sabia como, antes não gostava de olhar para ele porque sentia como se uma nuvem escura o envolvesse, transmitindo sensações ruins, mas agora estava diferente. Com o sol iluminando-o todo, as plantas estavam mais vivas e não havia mais aquele ambiente ruim envolvendo-o, simplesmente estava lindo como nunca. Rosália ficou ali parada por alguns minutos, admirando a casa. Nunca havia notado os detalhes, que só agora lhe pareciam visíveis.

Matilde estava saindo quando viu sua vizinha, não gostou de encontrá-la, mas mudou de opinião quando notou que ela estava parada, como que hipnotizada, olhando para o casarão.

Aproximou-se do muro que separava as duas casas e chamou:

– Dona Rosália, algum problema? – Perguntou.

– Não... não... – Disse ela, se assustando. – Está tudo bem. A senhora viu como o casarão está diferente?

Só nesse instante Matilde prestou atenção ao casarão e também ficou admirada com o novo visual.

– O que a senhora acha que aconteceu? – Perguntou Rosália.

– Acho que vieram fazer alguma reunião espírita, pois no sábado à noite vi seu Adalberto e alguns colegas do Centro entrarem junto com a Rose no casarão – esclareceu Matilde, que também freqüentava o Centro Espírita.

– Cruz-credo! Deve ser macumba.

– Não é, uma das pessoas que estive aí eu conheço. É o senhor Adalberto, ele é dirigente do Centro Espírita, pessoa boa, ajuda muita gente que está necessitada. Acredito que vieram ajudar os espíritos que estavam nessa casa, e, pelo que estamos vendo hoje, tenho certeza de que conseguiram.

– A senhora quer me dizer que tinha espíritos naquela casa e que eram eles que assustavam as pessoas?

– Sim, a solução do problema seria uma boa notícia para começarmos o dia, não é? – Disse Matilde, saindo e sorrindo.

Rosália continuou parada, sua cabeça não conseguia assimilar aquelas novidades, mas teve

um “pensamento” interessante. Pediria o endereço do Centro Espírita à sua vizinha e iria lá conhecer. Quem sabe alguma coisa boa aconteceria em sua vida?

Com esses pensamentos, continuou a varrer o quintal e começou a cantarolar.

Pelos olhos do corpo não poderíamos ver o que estava acontecendo naquele momento, mas pelos olhos do espírito ficaríamos emocionados em ver o espírito protetor de Rosália chorando de felicidade por aquela iniciativa de sua protegida. Havia muito tempo ele esperava por aquela atitude. Quem sabe agora Rosália colocaria algumas coisas boas em sua cabecinha e tomaria um bom rumo na sua vida.

E  
*Tudo Acabou*  
*Bem*



Tempos depois, no final de uma das reuniões do Centro Espírita, encontraram-se todos no salãozinho que ficava nos fundos.

– Parece que temos grandes novidades acontecendo, não é, seu Valdomiro? – Perguntou Adalberto em tom de brincadeira. – Além da melhora considerável de Rose, a família do Tônico está bem melhor, graças a Deus.

– Queremos agradecer imensamente o auxílio que recebemos de vocês – disse Tônico em tom cerimonioso. – Seu Adalberto, Valdomiro, Fina e todos aqui do Centro, que modificaram radicalmente nossas vidas, é impressionante as melhorias que sentimos nesses últimos meses. Vamos ser eternamente gratos.

– O que fizemos, Tónico – disse Adalberto –, não foi mais que nossa obrigação. E depois, nós nos beneficiamos também com sua melhora, pois, ajudando as pessoas, estamos nos ajudando também. É assim que funciona a fraternidade, é assim que construiremos um mundo melhor, é assim também que evoluímos, objetivo principal da nossa existência. Portanto, não se preocupe em agradecer ou pagar, seu pagamento será o benefício que você fará a outros irmãos, ajudando-os sem esperar recompensas, ajudando sempre, quanto mais, melhor.

– Mesmo assim, como não temos o conhecimento que o senhor tem, vamos ficar agradecidos por enquanto, até estarmos prontos para sermos úteis aos outros – respondeu Tónico, visivelmente emocionado.

– Vocês já estão prontos para ser úteis – elucidou Adalberto. – Todos nós, desde o momento em que fomos fecundados no ventre de nossa mãe, já nos tornamos úteis, ou seja, antes de nascermos já começamos a ser úteis. E assim vai vida afora, depende apenas de nós sermos mais ou menos úteis.

– Como podemos ser úteis antes mesmo de nascer? – Quis saber Valdomiro.

– Raciocine, Valdomiro, no momento em que uma mulher fica grávida, ela tem de tomar determinados cuidados, tem de rever atitudes, eliminar vícios para ajudar o bebê e conseqüentemente a si mesma. Assim, quando somos fecundados, já começamos a ajudar, indiretamente. Mas, voltando ao assunto, você não tem uma

novidade para nos contar? – Perguntou Adalberto, sorridente.

– Temos sim. Eu e Rose marcamos nosso noivado – disse Valdomiro, olhando com carinho para Rose – e pretendemos nos casar o mais breve possível.

Todos bateram palmas de alegria e foram abraçar os jovens.

Assim, uma obsessão chegou ao fim. Para isso, além do trabalho espiritual, foi fundamental a colaboração de Rose, que rezou muito e modificou seu campo mental, evitando fazer queixas, ficar triste e afastando todo tipo de pensamento negativo<sup>18</sup>.

Assim, o que inicialmente era um problema serviu para formar um novo grupo de pessoas repleto de paz, que, com certeza, conseguiria muitos outros bons resultados.

\*

Rose havia voltado a morar no casarão, depois de providenciar sua restauração. O prédio havia de fato recuperado toda a beleza de outrora. Foi transformado em um orfanato, pois era muito grande e poderia abrigar muitas crianças. Rose fora uma criança mimada e não dera valor a nada, por isso pretendia agora recuperar o tempo perdido e trabalhar em auxílio aos carentes.

---

18 - Caso Rose não tivesse orado e vigiado, provavelmente atrairia novamente para junto de si os obsessores, pois acabaria por desequilibrá-los por meio das energias negativas de seu pensamento. Se eles resistissem ao seu “chamado”, outras entidades desequilibradas poderiam se juntar a ela por afinidade de pensamento, causando nova obsessão.



Numa visita de surpresa, Adalberto encontrou Rose e Valdomiro cuidando do jardim.

– E aí, como está o casal? Pelo que estou vendo, parece que os dois gostam de cuidar da terra.

– Bom dia, seu Adalberto – falou Valdomiro.

– Mexer com a terra, além de ser uma boa terapia, ajuda a descarregar as tensões do dia-a-dia.

– Concordo plenamente – disse Adalberto e, dirigindo-se a Rose, que colocava uma estaca para segurar uma muda de rosas, elogiou: – Que bom, Rose, foi uma ótima idéia transformar o casarão em orfanato. Mas como fará para sustentar isso tudo? – Perguntou, curioso.

Rose levantou-se, colocando as mãos na cintura, forçando o corpo para trás, pois havia ficado muito tempo agachada. Olhou pensativa o horizonte, como que relembrando o passado em busca da resposta.

– Penso que o dinheiro que vem às nossas mãos não deve servir apenas para nosso uso, seu Adalberto – falou com tranquilidade. – Graças a Deus meus pais me deixaram bem financeiramente, as empresas estão sólidas, meus tios as administram bem e poderão auxiliar-me nesse projeto, pois são pessoas que visam também a um mundo melhor e sei o que pensam, pois costumam falar: “De que adianta o dinheiro, se quando saímos para o trabalho ou a passeio encontramos crianças em faróis pedindo esmolas, e sentimos medo ao saber que a qualquer momento poderemos ser assaltados por uma dessas crianças que se tornaram marginais?” Por-

tanto, eles ficarão felizes com a causa que abraçamos. Eu faço uma parte colocando a mão na massa, e eles fazem a deles ajudando-me a sustentá-la, cada um fazendo a parcela que lhe cabe.

– Ótimo, quem dera todos pensassem assim. Iríamos passar logo de mundo de expiação para um mundo de regeneração – filosofou Adalberto, feliz.

– Como é que é?! – Perguntou Valdomiro.

– Acontece que vivemos em um mundo de expiação e provas, onde somos obrigados a conviver com misérias, crimes e todo tipo de desajuste da sociedade, local perfeito para nos aperfeiçoarmos. Mas como somos espíritos em evolução, um dia venceremos todas essas fraquezas e então o amor, a fraternidade e a benevolência imperarão, e a Terra será um planeta feliz.

– Planeta feliz! Quem me dera estar nele! – Exclamou Valdomiro.

– Tudo depende de você mesmo, só precisa fazer por merecer – concluiu Adalberto.

\*

Anos mais tarde, encontramos Rose no pátio do casarão, brincando com as crianças. A manhã estava clara, era primavera, e o jardim estava todo florido, paraíso para as borboletas, beija-flores e todo tipo de ser vivo que possa usufruir das flores. O ruído das vozes e risos das crianças soavam como melodia.

Valdomiro, da sacada, tudo observava, feliz, e intimamente agradecia a Deus por fazer parte

daquela obra assistencial, em que ele era parte importante. Sua mente voltou ao passado, lembrando quando o amigo Adalberto falou de um mundo feliz. Perguntou-se se aquelas crianças já seriam as herdeiras do novo mundo.

Rose e Valdomiro já podiam se considerar uma família, pois além das crianças que o lar adotara, Rose já levava no ventre dois seres que outrora foram seus companheiros de infortúnio e tragédias, mas que, graças ao auxílio dos amigos espirituais, Josafá e Gerônimo combinaram vir como irmãos consangüíneos, filhos de Rose e Valdomiro. Dentro desse programa estava prevista também a vinda de Joaninha.

Assim, o amor tudo corrigirá, levando todos a serem herdeiros do novo mundo. Um mundo em que a felicidade realmente existirá.

*FIM*

---

Se você gostou desse livro, o que acha de fazer com que outras pessoas venham a conhecê-lo também? Poderia comentá-lo com aquelas do seu relacionamento, dar de presente a alguém que talvez esteja precisando ou até mesmo emprestar àquele que não tem condições de comprá-lo. O importante é a divulgação da boa leitura, principalmente a literatura espírita. Entre nessa corrente!

---

**C**om seu passo arrastado, o corpo inclinado para a frente como se carregasse um fardo às costas, apoiada em uma bengala improvisada, Rose era uma atração para sua vizinhança.

Por que uma mulher jovem e rica, ao se mudar para aquela cidade, sentiu-se tão atraída por um casarão abandonado que outrora fora uma majestosa mansão?

Qual seria o motivo de sua alienação, de sua loucura?

Todos queriam descobrir o motivo de tanto mistério, mas ninguém se atrevia a penetrar aquele mundo sombrio, até que algumas pessoas tomaram coragem e decidiram ajudar Rose.

A partir daí, suspense e emoção se mesclam, envolvendo o leitor numa trama empolgante que o prenderá até o final, na tentativa de descobrir os segredos do casarão.

**petit**

Livros espíritas que iluminam caminhos

[www.petit.com.br](http://www.petit.com.br)  
[petit@petit.com.br](mailto:petit@petit.com.br)

ISBN 85-7213-052-5



9788572130525